

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**PAULA ARAUJO HONORATO DE BARROS VILELA**

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS: AS  
PERCEPÇÕES E AÇÕES DE DUAS PROFESSORAS**

**JARDIM – MS**

**2013**

**PAULA ARAUJO HONORATO DE BARROS VILELA**

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS: AS  
PERCEPÇÕES E AÇÕES DE DUAS PROFESSORAS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luís Otávio Batista

**JARDIM – MS**

**2013**

**PAULA ARAUJO HONORATO DE BARROS VILELA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS: AS  
PERCEPÇÕES E AÇÕES DE DUAS PROFESSORAS**

**APROVADO EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_**

---

**ORIENTADOR: PROF. DR. LUÍS OTÁVIO BATISTA**  
**UEMS**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Susylene Dias de Araujo  
UEMS

---

Prof. Hudson Lolli Ghetti  
UEMS

VILELA, Paula Araujo Honorato de Barros.

O ensino de Língua Inglesa para crianças nas séries iniciais: as percepções e ações de duas professoras / Paula Araujo Honorato de Barros Vilela. Jardim: UEMS, 2013. 71 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Ensino-Aprendizagem
2. Língua Inglesa
3. Criança
4. Professor

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

Paula Araujo Honorato de Barros Vilela

Jardim/MS, 04 de novembro de 2013.

AO MEU ESPOSO VALDINEI, POR SUA  
EXISTÊNCIA. POR ESTAR SEMPRE AO MEU LADO,  
PELO COMPANHEIRISMO, RESPEITO, INCENTIVO  
E PACIÊNCIA, SEMPRE PRESENTE EM MINHA  
VIDA.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Ao meu companheiro, amigo, cúmplice e esposo Valdinei, meu porto seguro, pessoa com quem amo partilhar a vida. Ao seu lado me sinto mais viva de verdade. Obrigada pelo carinho, paciência, incentivo para que eu pudesse completar cada etapa desta graduação.

Aos meus pais, Ageu e Maria Aparecida, pelo ensinamento de que “o estudo é o único bem que realmente é seu”. Obrigada por cada incentivo e orientação, pelas orações em meu favor, pela preocupação para que estivesse sempre andando pelo caminho correto.

Aos meus irmãos, Mônica e Gustavo, pelo amor e carinho que sempre me dão. Aos meus tios, tias, avós, avôs e primos que sempre estiveram presentes, ainda que à distância.

Ao meu professor e orientador Professor Doutor Luís Otávio Batista, exemplo de profissionalismo, que acreditou em mim, por sempre me incentivar, com muita paciência e atenção, dedicando parte do seu valioso tempo para a construção desse trabalho.

Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Peço a Deus que os abençoe grandemente, preenchendo seus caminhos com muita paz, amor, saúde e prosperidade.

À Professora Doutora Susylene Dias de Araujo e ao Professor Hudson Lolli Ghetti por aceitarem a composição da banca examinadora.

A todos os professores, mestres e doutores da Unidade de Jardim da UEMS, que a mim repassaram seus conhecimentos, fazendo com que meu desenvolvimento fosse o melhor possível.

A todas as pessoas que fizeram parte de meus estágios, diretores, coordenadores, professores, alunos e escolas. Que fosse com um bom dia, um sorriso ou palavras de incentivo, deram contribuição para que esse sonho se tornasse realidade.

A todos que contribuíram para que eu pudesse subir mais esse degrau não canso de agradecer. Não posso dizer que este é o fim. Este é apenas o começo da próxima jornada. Até a próxima.

Enfim a todos, muito obrigada.

## **RESUMO**

VILELA, Paula Araujo Honorato de Barros. **O ensino de Língua Inglesa para crianças nas séries iniciais: as percepções e ações de duas professoras.** 2013. 71 p. TCC (Graduação) - Curso de Letras hab. Port. Ingl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

O objetivo deste trabalho é investigar as ações e percepções de duas professoras sobre o ensino de Língua Inglesa para crianças em uma escola pública de uma cidade localizada na região Centro-Oeste do Brasil. A partir de uma pesquisa de cunho etnográfico, de natureza qualitativa, usamos como procedimento metodológico uma entrevista aberta as professoras, a fim de investigar como eram suas ações na prática, bem como as suas percepções em relação ao ensino de inglês para crianças na Educação Infantil. Os resultados demonstraram que, por um lado, as professoras realizavam suas práticas, de acordo com as teorias informadas sobre o que os teóricos em Linguística Aplicada dizem a respeito do ensino de línguas para crianças. Por outro, elas baseavam suas práticas em percepções, quando informam que utilizavam apenas o lúdico e o ensino do vocabulário descontextualizado para ensinar a língua inglesa para crianças.

**Palavras-chave:** Ensino-Aprendizagem. Língua Inglesa. Crianças. Professor.

## **ABSTRACT**

VILELA, Paula Araujo Honorato de Barros. **The English Language teaching for children in the early grades: the perceptions and actions of two teachers.** 2013. 71 p. TCC (Graduation) - Languages hab. Port. Engl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

The objective of this study is to investigate the actions and the perceptions of two teachers about the teaching English Language for children in a Public School of a town located in the Center-West region of Brazil. Throughout an ethnographic research, of nature qualitative, we use as a methodological procedure an open interview to teachers, in order to investigate as the teachers actions were in the practice, as well as their perceptions, in relation to the teaching of English for children of Childhood Education. On the one hand, the results demonstrated that teachers carried out their practices in accordance with the theories informed on what the theoreticals in Applied Linguistics say about the teaching of languages for children. On the other hand, they ground their practices in perceptions, when they inform that they only use the ludic and the teaching of vocabulary without a context to teach the English language for children.

**Keywords:** Teaching and Learning. English. Children. Teacher.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1. O ensino da Língua Inglesa para crianças .....	12
1.2. A importância da Língua Inglesa para crianças e os fatores que possibilitem a sua aquisição.....	18
1.3. Os procedimentos metodológicos de ensinar inglês para crianças .....	22
1.4. A formação do professor no ensino de inglês para crianças .....	27
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
2.1. A pesquisa etnográfica.....	32
2.2. As participantes da pesquisa .....	33
2.3. Os instrumentos de pesquisa: o questionário e a entrevista.....	33
2.4. O local onde as participantes trabalham .....	35
2.5. O curso para crianças.....	35
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS .....	36
3.1. Percepções das professoras sobre o ensino de inglês para crianças .....	36
3.1.1. A importância do ensino de inglês para crianças .....	36
3.1.2. O papel do livro didático no ensino de inglês para crianças.....	39
3.1.3. A melhor idade para criança aprender inglês .....	42
3.1.4. O melhor método para ensinar inglês para crianças .....	44
3.1.5. Os objetivos das aulas de inglês .....	48
3.1.6. A avaliação do progresso das crianças na aprendizagem de inglês.....	50
3.2. Ações das professoras no ensino-aprendizagem de inglês para crianças .....	52
3.2.1. O ensino de inglês para crianças na escola .....	53
3.2.2. A prática de ensinar inglês para crianças de acordo com as professoras....	55
3.2.3. O método de ensino de inglês para crianças por parte das professoras .....	58
3.2.4. O material didático usado pelas professoras para ensinar inglês para crianças .....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
REFERÊNCIAS .....	66
ANEXO A ENTREVISTA - QUESTIONÁRIO.....	68

## INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Estrangeira, em especial, a Língua Inglesa na Educação Infantil tem se mostrado em ascensão nos últimos anos. Isso pode ser explicado por ser a língua inglesa a mais usada nesse mundo globalizado, pois é a língua utilizada em vários campos entre eles dos negócios, das relações, da política, da ciência, dentre outros, sendo conhecida, dessa forma, como uma língua universal (TONNELLI e CRISTOVÃO, 2010, p.66).

Isso quer dizer que a língua inglesa tem assumido papel de destaque no mundo, sendo conhecida como a língua detentora de maior prestígio, tornando-se uma língua de comunicação internacional, de inserção social, por estar presente em quase todas as situações do nosso dia a dia, sejam nas relações pessoais e até mesmo profissionais. Dessa forma, pode ser explicada a grande procura por parte de pais preocupados com o futuro de seus filhos, por escolas que ofereçam esse ensino para crianças que se encontram nos primeiros anos do ensino fundamental e da educação infantil e até mesmo com idade a partir de 2 anos, dependendo da escola.

Entretanto, em nosso país, sabemos que esse ensino não é ofertado para as séries iniciais, pois ainda não há parâmetros oficiais que orientem o ensino da Língua Inglesa para a Educação Infantil e Ensino Fundamental (ROCHA, 2006) citada por (LIMA & MARGONARI, p. 130). Dessa forma, vemos o descaso dos governantes em relação à implantação desse ensino nas séries iniciais, que pode ser explicado pela falta de conhecimento que eles apresentam sobre a importância de oferecer esse ensino para as crianças. O que encontramos, na realidade, é a consolidação desse ensino, apenas nas escolas particulares, que parecem perceber a importância que a língua inglesa tem assumido nos dias atuais e, por isso, a grande procura pelos pais por escolas que ofereçam o ensino dessa língua para as crianças já nos primeiros anos da educação.

Considerando o avanço que o ensino da língua inglesa para crianças vem assumindo, buscamos, por meio desse trabalho possibilitar reflexões sobre fatores que influenciam diretamente esse processo, como a melhor a idade para aprender uma língua estrangeira, os procedimentos didático-metodológicos, a importância desse ensino nesse contexto, o método usado por professores, a formação do professor atuante nesse cenário.

Essas questões são importantes, pois através delas, podemos obter resultados significativos no processo do ensino da língua inglesa para as crianças. É preciso ter a consciência de que essa prática seja bem planejada e executada. Para tanto, faz-se necessário

revelar alguns pontos que interferem diretamente nesse processo, dentre eles, a formação do professor. Queremos aqui enfatizar sobre a deficiência que ainda se encontra presente nos cursos de formação de professores, pois de acordo com Silva (2010, p. 305), os cursos de Letras e Pedagogia não oferecem disciplinas voltadas ao ensino de Língua Estrangeira para crianças. Assim, notamos a lacuna existente na formação dos professores atuantes nesse contexto de ensino da língua inglesa. Outro aspecto relevante para que esse ensino ocorra de modo satisfatório é a escolha correta de métodos adequados para a faixa etária específica, com vistas que o ensino não deixe marcas e frustrações nos aprendizes, que são crianças. E, principalmente, defendemos o ensino da língua inglesa por percebermos a importância que esse idioma possui hoje nesse mundo globalizado, porém também que o mesmo seja realizado por professores bem preparados e qualificados.

Pensando nisso, elaboramos a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as ações e percepções de duas professoras sobre o ensino de inglês para crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Municipal de Ensino de um Estado da região Centro-Oeste do Brasil? Para tentarmos responder essa pergunta, tomamos como objetivo desse trabalho: analisar e interpretar as percepções e ações dessas professoras sobre o ensino de língua inglesa para crianças.

Desejamos informar que o interesse em realizar essa pesquisa aconteceu por percebermos a importância que a língua inglesa exerce no mundo atualmente, e por concordarmos que o ensino dessa língua deve estar presente nos primeiros anos da educação infantil, porém que esse processo seja feito por professores capacitados e preparados, que busquem cada vez mais o aperfeiçoamento da língua, que sintam-se motivados e interessados a ensinar e que sejam capazes de refletir sobre sua prática, obtendo, dessa forma, resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa para com as crianças.

Sendo assim, essa pesquisa se encontra organizada em três capítulos. No primeiro, apresentaremos a fundamentação teórica. Nele, focaremos nas questões referentes ao ensino-aprendizagem de língua inglesa para crianças, discutindo sobre a importância desse ensino, os fatores que possibilitam sua aquisição, procedimentos metodológicos a serem utilizados, bem como a formação do professor no ensino dessa língua para crianças.

No segundo, denominado de metodologia da pesquisa, abordaremos alguns esclarecimentos em torno da pesquisa etnográfica, de natureza qualitativa; as participantes desse estudo, os instrumentos de pesquisa, o local da pesquisa.

No terceiro e último capítulo trataremos da interpretação dos dados que foram obtidos. Nele, analisaremos as percepções e ações delas sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para crianças.

Feito isso, nossa pesquisa está baseada nos seguintes autores que tratam a respeito do ensino de língua inglesa para crianças: Seccato (2010), Santos (2010), Scheifer (2010), Rocha (2007), Freitas (2010), Tonelli & Cristovão (2010), Scaffaro (2010), Lima & Margonari (2012), Chaguri (2005), Magalhães (2004), Silva (2010), Figueira (2010), Lima (2010), Dimer & Soares (2012), Batista (2004), Paiva (s/d) e Rodrigues (2008), dentre outros.

# CAPÍTULO I

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo pretende abordar algumas questões teóricas e norteadoras sobre o ensino de Língua Inglesa para crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental, de acordo com alguns especialistas na área de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Para isso optamos em dividir esse capítulo em quatro partes, a saber: 1) O ensino da língua inglesa para crianças. 2) A importância da língua Inglesa para crianças e os fatores que possibilitam a sua aquisição. 3) Os procedimentos metodológicos de ensinar inglês para crianças. 4) A formação do professor no ensino de inglês para crianças.

### **1.1. O ensino da Língua Inglesa para crianças**

De acordo com Seccato (2010, p. 128-129), a Constituição Federal (CF) de 1988 trouxe modificações importantes e inovadoras no ensino infantil. Pode-se dizer que a principal modificação encontra-se no Art. 208, inciso IV, que afirma: “o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: [...] atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. Outro artigo importante referente a esse assunto é o art.205, que revela que a educação é “direito de todos”, “dever do Estado e da família”, que deve ser “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Isso quer dizer que a lei superior do Brasil garante que é dever do Estado formar cidadãos aptos a viver em sociedade, por meio de uma formação educacional financiada pelo Estado e família. Já a Política Nacional de Educação Infantil informa que “a criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribui com ele” (SECCATO, 2010, p. 129).

Em outras palavras, a criança possui capacidades próprias de agir e pensar, pois é detentora de saberes próprios e competentes, tendo em vista que interage com pessoas, com ela, com os outros e com o ambiente em que vive. Além disso, ela é produtora de cultura e

quanto mais estímulos a pensar e a agir no mundo, maior será seu desenvolvimento intelectual.

Em se tratando da oferta de ensino de línguas estrangeiras (LEs) seja para jovens e ou adultos não é novidade no Brasil, nem em outros países. Várias línguas como o latim, grego e francês já tiveram seus períodos de destaque mundial. Se no passado, o ensino dessas línguas acontecia de forma lenta e sutil, no presente, principalmente na era da informação, da tecnologia, dos negócios, da internet, do turismo, do consumismo e da ciência, o uso de uma língua em comum, neste caso, a língua inglesa, torna-se indispensável (SANTOS, 2010 p. 149), em especial, para crianças.

Scheifer (2010, p. 221) informa que o ensino de línguas estrangeiras para crianças (doravante LEC), na última década, tem chamado atenção de pesquisadores da área da Linguística Aplicada, principalmente, no contexto educacional brasileiro. O crescimento de trabalhos científicos a respeito desse tema justifica-se pela notável tendência do ensino de língua estrangeira (doravante LE) ser introduzido cada vez mais cedo na vida das crianças. Essa tendência, segundo a autora, está atrelada à globalização. A língua inglesa, por sua vez, é o idioma que afeta as sociedades em nível mundial, pois é considerada como idioma essencial no ranking da oferta e procura das escolas. Além disso, saber ler, falar e entender essa língua tornou-se fundamental para que se possa conseguir um emprego qualificado, bem como um meio de se comunicar e conhecer pessoas de culturas diferentes.

Por vivermos em uma sociedade globalizada, em que o contato com diferentes culturas e línguas torna-se cada vez mais comum, a comunicação entre essas diferentes culturas acontece, muitas vezes, por uma LE, a qual seja: a língua inglesa (LI). Isso ocorre porque ela tem assumido um papel fundamental no mundo globalizado, por ser considerada uma língua universal e de prestígio, por possuir grande quantidade de informações que circula no mundo virtual. Na realidade, ela exerce posição de destaque nos campos dos negócios, econômicos e políticos, passando a ser a língua mais ensinada no mundo (PAIVA, 1996).

Queremos revelar que a LI tem sido tratada por muitos pesquisadores, dentre eles, Paiva, (2003), Modiano, (2001) e Ortiz, (2006) - como um idioma do mundo, propriedade pública, ou seja, desterritorializado, que não pertence a ninguém, ou seja, ela não é mais a língua dos ingleses, americanos, canadenses, irlandeses, australianos, entre outros. Ela é a língua de todos aqueles que se dedicam a ela.

Por isso, a LI deve se apresentar para as crianças, como um efetivo instrumento de cidadania, possibilitando a compreensão e a transformação de sua comunidade e do mundo,

pois “a criança brasileira tem o direito de uma educação de línguas que, de forma crítica, trazendo à sala de aula a relação entre o local e o global, tornando-a cidadã plena de um mundo plurilíngue e multicultural” (ROCHA, 2007, p. 28 citada por FREITAS, 2010, p. 211).

Frente a isso, o ensino de LE, mais especificamente, de LI tem, nos últimos anos, sido foco de diversas pesquisas realizadas no Brasil (Silva, 1997; Szundy, 2001; Figueira, 2002; Miranda, 2003; Santos, 2005; Tonelli, 2005; Scaffaro, 2006; Linguevis, 2007a, 2007b; Scheifer, 2008) (TONELLI & CRISTOVÃO, 2010, p.66). Essas pesquisas se defendem, ou melhor, levantam a bandeira pelo crescimento da oferta da LI nas séries iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, essa questão emerge a necessidade de se (re) pensar a formação dos profissionais que irão atuar no ensino da LI para esse público alvo.

Brewster *et al.* (2002, p. 1 apud Scaffaro, 2010, p. 65) através de uma pesquisa, mostrou que educadores em todo o mundo reconhecem a necessidade da aprendizagem da LI nos primeiros anos de escola e estão fazendo o que podem para promovê-la, utilizando-se de estudos que abordam temas como a formação do profissional dessa área, a questão da melhor idade para o aprendizado de uma Segunda Língua ou LE, neste caso a LI, sustentados na ideia de que quanto mais cedo começar o aprendizado, mais rápido ele acontecerá, dentre outros estudos.

De acordo com Graddol (2006, p. 88), citado por Tonelli & Cristovão (2010, p. 66), “a idade que as crianças começam a aprender inglês cada vez é menor por todo o mundo”, caracterizando, portanto, uma tendência mundial. Linguevis (2007) justifica para o fato de as crianças estarem aprendendo inglês ter se tornado um fenômeno na última década, isso pelo grande interesse pela busca do ensino em escolas e cursos de idiomas particulares pelos pais. Fato esse que pode ser entendido pela grande importância que a LI possui, hoje, no cenário mundial, principalmente, na busca de um emprego qualificado de alta remuneração.

Rocha (2006, p. 130), citada por Lima & Margonari (2012, p. 130), por exemplo, assevera que o ensino de inglês na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I encontra-se consolidado em algumas escolas particulares e em expansão em algumas da rede pública. Para a autora, a inserção da LI nas séries iniciais é de extrema importância, pois além do ensino acontecer de forma natural, as crianças acabam por descobrir e desenvolver seus potenciais individuais e coletivos, tornando possível a interação, com falantes nativos ou não. Desta forma, para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de maneira satisfatória, é necessário que haja interação entre os alunos, bem como, entre eles e professor. O ato de ensinar e aprender acontece entre sujeitos humanos, ou seja, não há ensino-aprendizagem,

sem que haja uma relação entre os sujeitos, pois o processo inclui tanto aquele que aprende (o aluno) como aquele que ensina (o professor).

A criança deve interagir com outras crianças, com si mesma e com o ambiente com vistas a desenvolver o respeito mútuo, a linguagem, ou seja, a comunicação. Secatto (2010, p. 131) afirma que:

[...] nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e como o meio em que vivem.

Sendo assim, podemos dizer que é por meio dessas interações que acontecem desde cedo, que as crianças demonstram seu esforço para compreender o mundo no qual vivem. Desta maneira, constroem seu conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas, pais, amigos, professores, familiares de um modo geral e com o meio social e escolar em que vivem, onde possuem uma maneira muito própria e particular de entender e pensar do mundo.

Scaffaro (2010, p. 61) salienta que, por algum tempo, professores e, até mesmo pesquisadores, acreditaram que crianças não alfabetizadas na língua materna (doravante LM) teriam poucas possibilidades de aprender uma (LE). Isto demonstra que a comunidade acadêmica, como a escolar subestimava o potencial das crianças em aprender. Neste sentido, Cameron (2002, p. 13) afirma que:

É enganadora a forma de pensar que as crianças aprenderão apenas uma linguagem simples. Claro que se apenas isto for ensinado, apenas isto será aprendido por elas. As crianças podem fazer muito mais do que pensamos que elas possam. Elas têm um grande potencial de aprendizagem e a sala de aula de língua estrangeira pode deixar de contribuir se este potencial não for explorado.

Em outras palavras, ensinar apenas vocabulário simples para crianças é um ato enganador. Elas possuem um grande potencial e podem nos surpreender. E a sala de aula deve ser um ambiente propício para que ela avance na construção do conhecimento em LI.

Assim, o ensino de LI nas séries iniciais deve se iniciar desde cedo, pois o papel da LI é transformar crianças em cidadãos autocríticos, conscientes, participativos e comunicativos, capazes de se adaptarem ao meio social em que vivem, utilizando-se de sua língua materna, ou outra qualquer, a fim de consolidar a LI (ROCHA, TONELLI E SILVA, 2010, p.31).

Para Chaguri (2005), ensinar a LI nas séries iniciais é trazer para dentro da sala de aula a realidade, em que as crianças vivem, ou seja, entrar nesse universo de magia, sonhos e fantasias que é o mundo que elas constroem. É torná-las desde cedo conhecedoras de seu mundo, da sociedade da qual fazem parte, descobrindo suas habilidades e competências, que estão em processo de amadurecimento, propiciando, assim, sua integração, nesse chamado mundo globalizado.

Por conta disso, a motivação e os interesses dos alunos são responsáveis por torná-los cidadãos críticos, participativos, responsáveis na sociedade, em que vivem, comunicando-se e atuando como verdadeiros cidadãos dentro desse mundo que exige o conhecimento de uma, duas, três línguas estrangeiras.

Segundo Batstone (1994) citado por Lima & Margonari (2012, p. 134), estudos apontam que o aluno aprenderá mais fácil se ele conseguir construir sentidos, utilizando a nova língua. As autoras afirmam que “é necessário que a aprendizagem seja significativa para o aluno e uma das maneiras de promover atividades relevantes é trabalhar com tópicos familiares para elas, levando em consideração suas experiências de vida”. Segundo as autoras, para que as crianças consigam aprender a nova língua, é importante que possam compreender o porquê estão aprendendo, isto é, os conteúdos e as atividades realizadas devem estar de acordo com o mundo delas, como, por exemplo, utilizar-se de jogos e brincadeiras que com certeza será um grande atrativo para a construção do conhecimento das crianças.

Magalhães (2004) argumenta que é preciso compreender a escola dentro de um contexto cultural, social e político e não como um local de transmissão de conhecimentos neutros e desvinculados da sociedade mais ampla. Seu papel não é apenas transmitir o conhecimento. É necessário que o aprendiz seja capaz de participar da comunidade em que vive. O conhecimento adquirido deve servir para que haja interação da criança com o meio em que vive, com os outros e consigo mesma, permitindo a ela que se comunique e interaja dentro da sociedade globalizada.

Dessa forma, concordamos com Rocha (2008, p. 20 apud Silva, 2010, p. 302) que ensinar uma LE/L2 para crianças na sociedade atual é:

[...] procurar auxiliar a criança a construir caminhos que ajudem a ampliar o conhecimento de si própria e da sociedade em que vive, a compreender melhor os contextos que a cercam, fortalecendo-a com uma visão positiva e crítica de si mesma e das diferenças, a integrá-las no mundo plurilíngue, pluricultural e densamente semiotizado em que vivemos, a fim de fortalecer sua autoestima, capacitando-a a agir e a comunicar-se em LE nas diversas esferas cotidianas, preparando-a para engajar-se em interações cada vez mais complexas, assegurando-lhe igualdade de oportunidades, também no que se refere ao direito a esse ensino.

O ensino deve acontecer desde cedo, sendo de igual para igual, servindo para que a criança aprenda e possa se comunicar, estreitar laços culturais e participar nos processos de formação da sua sociedade. A criança falando mais de uma língua, automaticamente terá mais oportunidades em âmbitos diversos, sejam para sua integração na sociedade ou em sua própria abrangência no conhecimento da língua. Terá mais clareza e independência em lidar com os avanços tecnológicos, devido a sua interação com a língua inglesa.

Como podemos verificar, o ensino da LI na educação infantil requer cuidado, dedicação e atenção. Muitos profissionais, professores e até mesmo os pais, podem pensar que dar aulas para crianças é tarefa fácil, já que os conteúdos que são ensinados a essas crianças também são considerados mais fáceis, do que se é ensinado a um adulto. Entretanto, o profissional que irá trabalhar junto a esse infantil precisa possuir uma formação específica para esse público.

Mesmo com alguns problemas que o ensino para crianças enfrenta e pode enfrentar, dentre eles, a melhor idade para se aprender uma LE, a metodologia utilizada, a formação dos profissionais que irão atuar diante desse público, a inserção da LI nas séries iniciais do Ensino Fundamental é indispensável, e que quando possível, a criança venha a ser exposta a uma LE, neste caso, a LI, pois que é um período, no qual, realmente, elas podem encontrar excelentes resultados, porém não à curto prazo, mas a longo prazo, porque nessa fase, são motivadas para experimentar novas experiências. Além disso, são menos ansiosas e inibidas, ou seja, não têm medo de errar e de se exporem perante aos seus colegas, como ocorrem com os aprendizes adultos.

Enfim, acreditamos na conscientização de todos que compõe a comunidade escolar sobre a importância da inserção do ensino da LI desde a educação infantil, porque nesse período, as crianças estão em processo de desenvolvimento de suas habilidades e competências. Elas não têm medo de se arriscarem, de se exporem, estão abertas ao novo, uma vez que quanto maior for a motivação por parte dos educadores, maior serão os interesses por parte delas para aprenderem a LI.

A seguir abordaremos sobre a importância da língua inglesa para crianças e os fatores que possibilitam sua aquisição.

## **1.2. A importância da Língua Inglesa para crianças e os fatores que possibilitem a sua aquisição**

Atualmente, sabemos que na Educação Infantil, as crianças possuem maiores oportunidades de desenvolver suas potencialidades de aprender a viver e conviver em sociedade a qual estão inseridas. Também sabemos que a Língua Inglesa, conhecida como língua universal, internacional e de prestígio, é uma das línguas mais faladas no mundo inteiro. Portanto, devemos considerar que a escola de educação infantil pode ser o melhor lugar, assim como o melhor momento para se começar a aprendizagem dessa língua internacional.

Os estudos a respeito de ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras para Crianças (doravante LEC) têm crescido bastante no Brasil, no mundo e nos mais variados contextos. Muito se tem investigado atualmente acerca da importância e da necessidade de investigarmos o universo infantil (FIGUEIRA, 2010 p. 94).

Segundo Seccato (2010, p. 132), vivendo em uma sociedade globalizada, em que tudo acontece de forma instantânea por meio da rapidez de informações trazidas juntamente com a era da informática e tecnologia, o inglês se tornou o principal meio que facilita a comunicação entre diversos mundos, de diferentes culturas. Em relação à importância da Língua Inglesa, Breton (2005), citado por Rocha (2007) revela que:

Na sociedade globalizada, a importância do inglês se faz presente por razões relacionadas à economia, à aprendizagem, à construção do conhecimento, ou seja, o inglês faz parte dos mais variados domínios discursivos, sendo a

língua do poder não só nas instituições políticas, mas também nos negócios, no comércio, na indústria, na cultura (de massa), no campo digital e nos setores da pesquisa científica, da comunicação e da imagética.

Como podemos notar por meio da reflexão de Breton, deduzimos que a LI é uma língua internacional. Assim, é notório o aumento sobre a importância do ensino dessa língua nas séries iniciais, pelo fato de que a cada dia, os pais, por exemplo, encontram-se preocupados com o futuro escolar e profissional de seus filhos, e procuram o ensino de LI nos primeiros anos do Ensino Fundamental, visando que seus filhos futuramente possam obter um emprego qualificado e com alta remuneração.

De acordo com Seccato (2010, p.131) as crianças do século XXI já nascem num mundo globalizado e informatizado, no qual o acesso à informação, ou seja, a internet encontra-se predominantemente na língua inglesa. No entanto, muitas delas não têm a oportunidade de estudar mais a língua, pois não possuem condições financeiras de frequentar um curso de idiomas. Assim, o ensino que recebem na mesma língua acontece somente na escola, o qual parece não ser suficiente para que aprendam, pois o tempo de aula dessa disciplina do ensino na escola é muito reduzido para desenvolver as quatro habilidades.

Para Rivers (1971) citado por Figueira (2010, p. 127) explica que as crianças com idade entre 4 e 10 anos, possuem uma maior flexibilidade em aprender uma língua estrangeira porque as estruturas da língua materna ainda não foram solidificadas e, assim, não ocorrem interferências na segunda língua que está em processo de aprendizagem. De acordo com Chaguri (2005, p. 1), baseado nos apontamentos de Schutz (2003), por razões de ordem biológicas e psicológicas, quanto mais cedo à criança venha a ter contato com a LI, mais eficaz ocorrerá à aprendizagem.

Sendo assim, podemos perceber que o ensino da LI nos primeiros anos da Educação Fundamental está cada vez mais em evidência, não só pela facilidade que as crianças têm quanto à aprendizagem de outra língua, porém por meio da naturalidade com que aprendem.

Santos (2010, p. 158) revela que no tocante à questão de com que idade a criança deve iniciar a aprendizagem de uma LE, muitas pesquisas ainda estão sendo realizadas. Entretanto, não há ainda um consenso entre os pesquisadores quanto à idade mais adequada para se aprender uma LE (SCARAMUCCI, COSTA & ROCHA, 2008). Contudo, a sociedade, de um modo geral, parece já ter legitimado o seu ensino, a partir dos primeiros anos da infância, de forma que grande parte das instituições de ensino, principalmente, da rede particular, bem

como das escolas de idiomas, oferecerem essa disciplina a partir da educação infantil SCHEIFER (2010, p. 221-222).

Lima (2010, p. 189-190), afirma que a idade do indivíduo é um dos fatores que determina o modo pelo qual se aprende uma língua, porém existem outros fatores que conduzem a construção de conhecimento em LI e, neste sentido, cita Figueiredo (1997, p. 26):

A idade do indivíduo é um dos fatores que determinam o modo pelo qual se aprende uma língua. Mas as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender, e as diferenças individuais são também fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem.

Como percebemos na citação acima, o fator idade não é o único a ser levado em conta na aquisição de uma segunda língua ou língua estrangeira. E ainda, de acordo com a autora, a atuação do professor em sala de aula também é de extrema importância, sendo necessário que o mesmo possua conhecimento de métodos e técnicas de ensino para esse público infantil.

Ainda sobre essa questão da idade para se iniciar o aprendizado de uma língua estrangeira segundo King e Mackey (2007) citados por Santos (2010, p. 159), o ensino não deve ficar restrito apenas no fator idade e também não pode ser um fator analisado isoladamente. Os autores acreditam num ensino baseado em interação, onde as crianças possam ser capazes de interagir com outras pessoas que fazem parte da sociedade e do meio em que vivem.

Na realidade segundo Krashen (1981), citado por Figueira (2010, p. 113) afirma que as crianças possuem uma autoconfiança muito grande, e pessoas autoconfiantes, não sentem medo de rejeição, expõe-se mais rápida e repetidamente a situações de ensino aprendizagem, fazendo com que não se sintam envergonhadas e experimentem o novo.

Dizemos que a confiança é um dos fatores porque uma criança confiante é aquela capaz de fazer suas próprias escolhas, recebendo apoio em suas decisões, sentindo-se confiante em se expor, não tendo medo de errar (FIGUEIRA, 2010, p. 113). As diferenças individuais seriam outro fator, pois cada indivíduo apresenta personalidade e características próprias de aprendizado, pois ninguém é igual ao outro, uns possuem maior facilidade e outros uma maior dificuldade. Sendo assim, podemos dizer que a junção de todos esses fatores, aliados com uma boa formação do professor que saiba diferenciar os diversos tipos de

métodos e utilizá-los adequadamente contribuem diretamente para o sucesso na aquisição de uma língua estrangeira.

Gardner & Lamber (1972) citados por Figueira (2010, p. 98) destacaram dois tipos de motivação. A motivação instrumental ocorre quando o aprendiz tem interesses funcionais de aprendizagem, quando precisa da língua para atender a uma necessidade mais específica, como, por exemplo, para melhorar as notas em provas, adquirir um trabalho melhor e rentável ou uma promoção. A motivação integrativa ocorre quando o aprendiz tem interesse de se identificar com a cultura da língua-alvo (FIGUEIRA, 2010, p. 98). Sendo assim, é necessário que se motive as crianças, mostrando a elas como fazer e o que fazer, dar-lhes desafios sempre crescentes e acompanhar os progressos e dificuldades que elas terão durante o processo de ensino-aprendizagem da língua, ou seja, é necessário conhecer a criança, saber do que gosta e do que não gosta.

Seccato (2010, p. 133) assevera que uma das vantagens de implantar o ensino de LI nas séries iniciais está no fato de que as crianças aprendem com mais facilidade nos primeiros anos de vida. A autora afirma também que o ensino de qualquer disciplina quando envolve crianças deve ser tratada com cuidado e consideração, ou seja, é preciso que se dê importância e respeito para essas crianças, pois é justamente nos primeiros anos de vida que a criança forma seus princípios de aprendizagem e de entendimento de mundo.

É nesse período dos primeiros anos de vida, que as crianças constroem seus conhecimentos, interagindo com o mundo em que vivem. Seu pensamento cresce partindo de ações e não de palavras, ou seja, o conhecimento não pode ser dado às crianças, ele tem de ser descoberto por elas mesmas e isso pode ocorrer porque elas possuem uma curiosidade muito alta.

Sendo assim, se faz necessário que algumas características importantes a respeito das crianças em fase de alfabetização sejam levadas em consideração, como as descritas por Scott e Ytreberg (1990), citados por SANTOS (2010, p. 160):

[...] características de crianças de cinco a sete anos: comentam o que fazem/fizeram ou ouviram; nem sempre diferenciam fato e ficção; planejam atividades; argumentam logicamente sobre algo; usam a imaginação; usam diferentes entonações em sua LM; entendem a interação humana; reconhecem a existência de regras; entendem situações mais rapidamente que a língua; dão prioridade ao do mundo concreto; não se encontram por muito tempo; gostam de brincar, aprender melhor quando se divertem, mas relutam em compartilhar brinquedos; não podem decidir o que querem aprender e são entusiasmadas quanto à aprendizagem.

A criança nessa faixa etária é capaz de interagir com objetos, de se comunicar com gestos e palavras. Ela gosta de brincar de faz de conta, de imitar, de fazer mímicas. É nesse período que o gosto pela escrita começa a fazer parte dos seus interesses. Gosta de fazer perguntas sobre tudo que as rodeiam e começam a tomar iniciativas e decisões sobre seus atos.

As autoras ainda citam características de crianças de oito a dez anos:

[...] estão com conceitos básicos já formados; diferenciam fato e ficção; perguntam o tempo todo; são capazes de decidir o que querem aprender; sabem do que gostam e do que não gostam de fazer; começam a questionar decisões dos professores; são capazes de trabalhar e aprender com outros; são usuários competentes de sua LM; entendem abstrações, símbolos e generalizações acerca do sistema linguístico. SCOTT E YTREBERG (1990) citadas por SANTOS (2010, p. 160).

Nessa faixa etária a criança já está desenvolvendo seu pensamento lógico, têm a capacidade de aceitar crítica, já sabe distinguir o que gosta de fazer do que não gosta. Sendo assim, a partir do que foi dito, fica evidente que a oferta de ensino de LI para crianças envolve inúmeras questões que vão desde a compreensão de como as crianças adquirem a língua(gem) e também qual a melhor idade que este processo deve ocorrer.

### **1.3. Os procedimentos metodológicos de ensinar inglês para crianças**

Sabemos que a aprendizagem da LE tem sido motivo de pesquisas variadas no decorrer dos últimos séculos, tendo em vista que o ensino de LI para crianças é uma realidade em nosso país (PIRES 2001, 2004; LINGUEVIS, 2007a, 2007b; TONELLI, 2005, por exemplo). Também nos deparamos com muitos desafios dessa atividade de ensinar a língua inglesa para as crianças como: métodos e abordagens de ensino, materiais didáticos que atendam a essa demanda, etc. (TONELLI E CRISTOVÃO, 2010, p. 66).

Linguistas aplicados trabalharam para tentar encontrar uma forma mais eficaz do processo de ensino-aprendizagem de uma LE acontecer. Para Boudieu (1991), citado por

Silva (2010, p. 300), a língua é considerada uma forma capital cultural que está disponível para ser trocada no mercado da interação social. No entanto, o valor atribuído às línguas pode ser diferente, dependendo do mercado. Desta forma, podemos dizer que, a língua inglesa, possui maior prestígio do que as outras, por se tratar de uma língua que está em constante ascensão e, conforme revela, por isso, que detém posição privilegiada nessa sociedade globalizada, apesar da presença de outros idiomas.

Quando falamos do ensino de uma LE para crianças, não podemos deixar de levar em consideração fatores de extrema importância na hora de expor a criança a uma língua estrangeira. Isso significa que se faz necessário investigar os procedimentos teóricos e metodológicos disponíveis da escola, bem como a formação do professor que irá atuar com essas crianças, em relação à prática dessa língua, para que o processo de ensino-aprendizagem não provoque traumas, frustrações e, portanto a desmotivação.

Para Paiva (s/d, p. 5) o papel da escola, seja pública ou particular, é limitado no processo de aquisição e as atividades que lhe oferece serão sempre insuficientes para se aprender qualquer língua estrangeira, porque para aprender a língua inglesa, é preciso praticar muito, e as escolas não destinam tempo suficiente para essa prática de ensino. A autora ainda afirma que mesmo que os alunos possam ter uma ou duas horas por semana de aula e atividades de língua inglesa, por sete ou oito anos, não é o suficiente para que se tornem falantes com um nível desenvolvido de uma Língua Estrangeira. A autora ainda esclarece que a escola sozinha não reúne as condições necessárias para que alguém aprenda uma língua estrangeira. Por isso, se faz necessário um trabalho em conjunto entre escola e professor, este último com o papel de estimular a criança, a ir além dos muros da escola, ou seja, a criança não deve ficar restrita apenas no que aprende dentro da sala de aula. Portanto, é papel da escola preparar seus alunos para atuar e interagir em sociedade, levando em conta a importância do domínio da língua Inglesa.

De acordo com Brown (1994, p. 129) citado por Dimer e Soares (2012, p. 55) o aprendizado da criança não deve se ater apenas em aspectos gramaticais:

Com as crianças não podemos nos prender ao ensino de gramática, às regras e às repetições, pois os pequenos aprendizes não têm maturidade cognitiva para a aprendizagem de normas e conceitos abstratos.

Como podemos perceber, o autor sugere que o aprendizado das crianças aconteça de diferentes formas, com técnicas variadas, em que o professor possa atuar de maneira animada, podendo-se utilizar de brincadeiras, músicas e danças, ao invés de decorarem o conteúdo que lhe foi passado ensinado. Podemos mencionar, como exemplo, do que foi exposto acima, uma situação com a cor preta. Se a criança for submetida a uma situação, em que seja forçada a se lembrar que preto é *black* em inglês, provavelmente, não conseguirá se lembrar. Por outro lado, se essa mesma situação for realizada de forma contextualizada, ela poderá apontar para uma camiseta que seu professor, está vestindo e dizer que é *black*.

Entretanto o que acontece ainda hoje na maioria das escolas, é a utilização do método da memorização, ou seja, da velha forma mecânica de repetir as palavras, o que não possibilita a aprendizagem. Desta forma, a criança apenas decora a palavra, o conteúdo que é ensinado por certo período de tempo, mas depois esquece, e assim a linguagem é praticada de forma mecânica e descontextualizada, distanciando-se das discussões mais atuais que valorizam a interação e entende que a linguagem é importante para que o indivíduo possa agir no mundo (RAMOS; ROSELLI, 2008; TÍLIO; ROCHA, 2009; LIMA, 2001) citados por (LIMA & MARGONARI, 2012, p. 132).

Scaffaro (2010, p. 62) entende que o vocabulário é o foco principal a ser explorado durante a aprendizagem de uma LE por crianças pequenas, já que a palavra é uma unidade previamente reconhecida pela criança desde a Língua Materna. A autora ainda acredita que o uso de contar histórias na LE para crianças, incrementa a aprendizagem de vocabulário pela criança numa comparação com atividades mais dirigidas, nas quais as palavras sejam ensinadas uma a uma, de modo mais explícito.

Wilhians (1995 apud Luz, 2003, p. 204), citado por Scaffaro (2010, p. 66), afirma que “a criança precisa de atividades que levem a explorar o seu mundo, tais como histórias, músicas, drama, etc., ou seja, atividades que fazem parte do mundo da criança para que ela use a L2 se divertindo”.

Concordamos com essa afirmação, pois afinal as crianças aprendem melhor quando se divertem. As atividades lúdicas exercem grande influência sobre elas. O aprendizado de forma divertida motiva e envolve, tornando a aprendizagem mais significativa. Segundo Vygotsky (1991, 2001) citado por Santos (2010, p.156), o desenvolvimento da linguagem ocorre desde os primeiros dias de vida e segue ao longo dos anos, em que as crianças tentam construir significado ativamente.

Brewster *et al.* (2002, p. 187) citado por Scaffaro (2010, p. 73-74), listam algumas razões pelas quais professores podem se utilizar de histórias infantis nas suas aulas de LE. De acordo com a autora, as histórias são: a) motivantes, desafiadoras e divertidas e podem ajudar a desenvolver atitudes positivas, como, por exemplo, o bom caráter e bom comportamento e desenvolver gosto pela leitura; b) ouvir histórias na sala de aula é uma experiência social, porque provoca um compartilhamento de risadas, tristezas, alegrias e antecipação de acontecimentos que auxiliam no desenvolvimento social e emocional; c) permite ao professor introduzir ou revisar o vocabulário e estruturas enriquecendo a linguagem da criança; d) ajuda as crianças a ficarem atentas quanto a o ritmo, entonação e pronúncia da língua-alvo.

O mundo do mágico e do imaginário que as histórias proporcionam se torna um grande atrativo no processo de ensino-aprendizagem. As crianças possuem um grande potencial de pensar e entender, pois através das histórias sua capacidade de concentração aumenta e o conhecimento também. Ao se envolverem com a história, a criança constrói significados. As crianças comentam o que ouvem e o que fazem, com isso, ocorre à interação social.

De acordo com Orlandi (2003), citada por Chaguri, (2005, p. 2), a linguagem ao mesmo tempo em que é constituída, é também um fator importante para o desenvolvimento mental, exerce uma função organizadora e planejadora do pensamento. A linguagem tem uma função social e comunicativa, e mais, a partir da interação social, ela é expressão fundamental de o sujeito construir sua própria identidade.

Em relação à prática de leitura, Brewster *et al.* (2002, p. 187) mencionam algumas técnicas a serem seguidas para que seja bem sucedida: começar a leitura a partir de textos não muito longos para não afetar o tempo de concentração das crianças. Fazer com que as crianças sentem-se no chão ao redor do professor, para que todas elas possam enxergar as ilustrações e ouvir a história contada perfeitamente. Também afirmam ser necessário encorajar as crianças a participarem na história repetindo o vocabulário e frases que desejam que elas aprendam. Se utilizar de gestos, mímicas e expressões faciais no intuito de facilitar a compreensão do significado das palavras pra as crianças. Variar o tom, volume, e ritmo de voz, fazer perguntas na intenção de envolver as crianças e se necessário caminhar pela sala, a fim de mostrar as gravuras e repetir o texto mais de uma vez, mostrando para as crianças que todas elas sem exceções estão recebendo a mesma atenção do professor (SCAFFARO, 2010, p. 74-75).

Outra ferramenta pedagógica recorrente nas aulas pelos professores é o livro didático, pois para eles os livros servem como suporte teórico e pedagógico para planejar suas aulas

(RAMOS, 2009) citado por (LIMA & MARGONARI, 2012, p. 133). As autoras afirmam que é necessário que se faça uma análise séria e rigorosa sobre o livro escolhido e que as aulas sejam complementadas com variados materiais pedagógicos, favorecendo, assim, o processo de ensino-aprendizagem das crianças.

Lima & Margonari (2012, p. 133), a respeito de o ensino ser significativo para a criança, sugerem uma prática pedagógica diferenciada para que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais agradável e eficaz, por meio da implantação de atividades lúdicas, como jogos pedagógicos, músicas, dramatizações etc.... As autoras afirmam que esses diferenciados tipos de recursos, podem se revelar como ricas ferramentas pedagógicas para o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa com as crianças. Essa prática pode acontecer por meio da utilização de DVDs, CDs, vídeos disponíveis na internet, cartazes, materiais xerocopiados, papéis, lápis de cor, giz de cera, canetinha, cartolina, dedoches, fantasias, dentre outros.

Concordamos com as autoras que as atividades devem ser planejadas com músicas, vídeos, brincadeiras, visto a importância de se trabalhar as habilidades orais de forma lúdica e respeitando o tempo de cada criança para começar falar em LE.

Já Nation (1990, p. 51), citado por Scaffaro (2010, p.72), apresenta outras técnicas básicas que os professores podem utilizar, por demonstração ou gravuras: utilizando um objeto (assunto, ou um bichinho de pelúcia, por exemplo), gravuras, gestos, fotografias; fazendo performances, desenhos no quadro.

Os meios para que a prática do ensino-aprendizagem de língua inglesa aconteça, são muitos como, a internet, músicas, filmes, dentre outros. Para tanto, ao professor fica o papel de saber diferenciar e entender seus alunos, que são crianças cada qual com suas qualidades e dificuldades, respeitando suas potencialidades e fornecendo o recurso necessário de acordo com a faixa etária adequada. Enfim, são muitos os materiais que podem ser utilizados nesse processo de construção de conhecimento de uma Língua Estrangeira, portanto cabe ao professor fazer a escolha correta desses materiais, para que os mesmos além de servirem como insumo para a aquisição do saber, possam também propiciar a interação entre os alunos e professores.

#### **1.4. A formação do professor no ensino de inglês para crianças**

Como já dissemos anteriormente na primeira seção desse capítulo, o ensino de LE para crianças, atualmente, está em constante evidência no cenário internacional e nacional. Muitos pais se preocupam em colocar seus filhos em escolas que possuam essa disciplina desde as séries iniciais, uma vez que a LI está fortemente presente no cotidiano das pessoas, como, por exemplo, a própria internet, filmes, músicas e nas próprias roupas e produtos do qual se utilizam todos os dias.

Considerando o aumento do número de crianças que aprendem LE, em especial esse idioma internacional, os cursos de formação de professores, em especial, os cursos de Letras e Pedagogia, se tornam elementos fundamentais para que a aprendizagem dessa nova língua aconteça de maneira satisfatória (TONELLI & CRISTOVÃO, 2010, p. 66).

Na realidade, em muitos cursos de formação docente, ou na maioria deles, se nota um descaso em relação ao ensino de língua inglesa para crianças, já que o foco desses cursos de graduação está em preparar professores para atender crianças do 6º ano do Ensino Fundamental em diante. Apesar de haver as Diretrizes Curriculares para os cursos de Licenciatura (incluindo o curso de Letras), os Referenciais Curriculares e Parâmetros Curriculares de LE (Brasil, 1996, 1997, 1998, 2006), para os vários níveis, infelizmente o ensino de línguas estrangeiras nas séries iniciais não está especificamente contemplado (TONELLI & CRISTOVÃO, 2010, p. 67).

Em relação ao que dissemos, Lima & Margonari (2010, p. 190) afirmam que:

Se por um lado observa-se uma grande valorização social e um interesse crescente pelo estudo de idiomas, o que converte na inclusão de aulas de LE na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, por outro lado, não existem, ainda, parâmetros oficiais que orientem o ensino de LE para esses segmentos, assim como não é contemplado com as devidas especificidades no curso de Licenciatura em Letras, a exemplo do que ocorre nos cursos de Normal Superior e Pedagogia.

Como podemos notar na citação acima, as disciplinas e atividades voltadas para a área do ensino de LI para crianças não recebem a devida atenção nos cursos de graduação. Na verdade, falta uma disciplina específica para o ensino desse público-alvo que aborde

características de aprendizagem e desenvolvimento infantil, bem como as estratégias e atividades adequadas para se aplicar o ensino da língua para crianças.

Santos (2010, p. 151) afirma que os cursos de Letras e Pedagogia não oferecem formação adequada para atuação em anos iniciais, pois parece haver poucos materiais didáticos disponíveis no mercado para o ensino de LI em anos iniciais. Além disso, os professores que ministram tal disciplina são, geralmente, professores de Artes e, portanto, não possuem formação na área.

Silva (2010, p. 305) informa que o currículo de Licenciatura em português-inglês não aborda em sua grade curricular a Educação Infantil e o curso de Pedagogia, por sua vez, não trata do ensino de línguas estrangeiras. Corroborando Silva (2010), em relação ao papel do professor de Língua Inglesa para crianças, Tonelli & Cristovão (2010, p. 67) questionam sobre a formação desse docente e citam Pires (2004, p. 20):

Quem termina um curso de graduação em Letras ou um bom curso livre de inglês e tem um ótimo currículo em língua pode estar bem preparado para ensinar adultos e adolescentes, mas não ter o menor conhecimento sobre educação de crianças menores de seis anos de idade. Já quem cursou magistério ou pedagogia e/ou algum outro curso de formação em educação infantil pode ser um excelente professor para crianças de até seis anos, mas não possui conhecimento de inglês suficiente para cometer erros de pronúncia e de gramática que podem comprometer o futuro de seus alunos como estudantes de língua estrangeira.

De acordo com as autoras, podemos dizer que isso ocorre pelo fato do curso de Pedagogia se aprofundar em estudos sobre o desenvolvimento infantil e aprendizagem, mas não oferecem uma formação em uma Língua Estrangeira e também, pelo fato dos cursos de Letras serem voltados para o ensino de crianças a partir do 6º ano do ensino fundamental e não possuir disciplinas que englobem o tema inglês para crianças.

De acordo com Cameron (2003), citada por Tonelli & Cristovão (2010, p. 67), é importante que a atividade pedagógica no ensino-aprendizagem de inglês seja conduzida por professores bem formados e preparados, que apresentem as competências esperadas para atuarem de forma satisfatória nessa área do conhecimento. Sendo assim, deve-se levar em consideração a iniciativa de se (re)pensar na formação desses professores que irão atuar no ensino de LI para crianças, para que estejam bem preparados e capacitados ao atuarem nesse novo campo da educação que emerge na contemporaneidade.

Para que o ensino-aprendizagem aconteça, de fato, é necessário que os profissionais atuantes nesse campo estejam em constante processo de aperfeiçoamento da língua, com um alto grau de motivação e interessados em ensinar e obter resultados positivos perante as crianças, pois como afirma Willians & Burden (1997) citados por Seccato (2010, p. 138) “a motivação depende do ambiente que influencia cada indivíduo. Dessa forma, o professor e sua metodologia passam a ser protagonistas do sucesso do processo de ensino-aprendizagem”.

De acordo com Rocha (2006), citado por Santos (2006, p. 11), é necessário ressaltar a importância das línguas estrangeiras não apenas como instrumento de inserção e ascensão social, mas também como canal de acesso a diferentes culturas. Quando você aprende uma língua deve aprender a cultura do povo, por exemplo, se estuda japonês, deve saber que se for ao Japão e na casa de um nativo, deve tirar os sapatos para entrar. Se não fizer isso, é uma grande ofensa. Da mesma forma se for estudante do inglês americano, deve saber que faz parte da cultura americana se apresentar aos novos vizinhos, com uma torta de maçã. Neste sentido, os professores precisam estar bem preparados para atuarem nesse campo do ensino da língua inglesa para crianças, pois ao contrário do que muitas pessoas imaginam, o ensino dessa língua nas séries iniciais é essencial para se construir uma base sólida do conhecimento e tornar a aprendizagem eficaz.

Tonelli & Cristovão (2010, p. 68) asseguram que:

[...] o professor de LIC<sup>1</sup> deva: dominar a língua a ser ensinada/aprendida; considerar os contextos em que atua para poder transformar sua prática docente; exercer sua profissão bem fundamentado em bases teóricas, sem desconsiderar que prática e teoria estão intimamente imbricadas; dominar métodos e abordagens que sejam coerentes com as necessidades dos educandos; agir de forma crítica e reflexiva nos contextos em que se encontra, entre outros aspectos.

Dessa forma, o professor que atua em uma sala de aula de língua inglesa para crianças deve saber que não basta apenas ter proficiência em LI, é preciso saber conhecer o seu contexto, saber as teorias sobre ensino-aprendizagem de línguas, os métodos e abordagens para conduzir sua prática de forma crítica e reflexiva. Além do mais, o professor de LE para crianças tem que ser criativo, entusiasmado e deve cativar as crianças com quem trabalha para poder realizar um trabalho em conjunto com elas. Ele também precisa ter conhecimentos

---

<sup>1</sup> LIC: Língua Inglesa para Criança.

necessários na área pedagógica, onde assim, poderá entender e saber trabalhar com as crianças, e também ser capaz de fazer uma autoanálise crítica, se necessário de si mesmo, de suas atitudes, estabelecendo uma relação segura e de confiança com as crianças. Também deve estar preparado para lecionar para faixas etárias diferentes, onde irá desempenhar um papel no sentido de despertar o interesse de seus alunos para a aprendizagem da língua inglesa (SCHEIFER, 2010, p. 223).

Entretanto, o que se nota é que, em muitos casos, os professores que atuam nesse contexto acreditam que não é necessário falar a língua fluentemente, pois como o público-alvo se trata de crianças, eles apenas seguem o material do livro didático sem dar importância ao uso da língua. Sendo assim, a ideia de que não precisa saber inglês para ensinar uma criança deve ser repensada. O profissional que leva consigo essa crença pode atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem das crianças para toda uma vida.

Seguindo esse raciocínio, Pires (2004) mostra que os estilos pedagógicos e o nível de proficiência dos professores influem no processo de aprendizagem das crianças, sendo essencial que o professor tenha experiência e conhecimento dos métodos e das técnicas de ensino, e que seja especializado na língua. Caso contrário, o aluno pode criar aversão a ela ou aprender um “pseudo-inglês”, ou seja, conteúdos errados em termos de pronúncia e de estruturas gramaticais (LIMA & MARGONARI, 2010, p. 190).

O professor, enquanto parte da sociedade, vive em um mundo globalizado, em que precisa manter-se atualizado se quiser acompanhar o que acontece nos dias atuais, em vários aspectos: informática, ciência, tecnologia, política, dentre outros. O profissional que irá atuar com crianças, deve estar preocupado com a sua formação e ter consciência para poder refletir sobre sua prática. Ele precisa estar atualizado para melhorar suas aulas, criando e inovando em seu modo de ensino, trazendo para dentro da sala de aula conteúdos atrativos e diferenciados, motivando as crianças. É necessário também que seja conhecedor de vários métodos, como já dissemos, optando pelo que melhor se adapte à faixa etária que irá trabalhar, levando-se em consideração a realidade na qual vive e trabalha.

O docente de LI que trabalhará com a educação infantil, necessita ter um olhar diferenciado para com seus alunos. É preciso carinho, compreensão, paciência, comprometimento nesse processo de ensinar e formar pessoas éticas, idôneas, cidadãs e comprometidas com o mundo, em que vivem. O professor deve também ter respeito pelas atitudes, ideias e pensamentos das crianças para que elas sintam-se capazes de aprender, participar das aulas, e principalmente, para que cresçam confiantes, acreditando em uma

educação transformadora e mais próxima da realidade dos alunos. Sendo assim, torna-se necessário que após a graduação, o professor recém-formado, bem como aquele formado há tempos e que trabalhará com crianças, continuem estudando, com vistas a desenvolver uma educação continuada, por meio de cursos de extensão, de ensino, ou seja, de curta duração ou especializações, no sentido de acompanhar as mudanças que ocorrem no decorrer do tempo, uma vez que o processo de globalização exige cada vez mais desse profissional, pois professor formado não é produto acabado (FREITAS, 1996).

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Neste capítulo, pretendemos esclarecer a metodologia da pesquisa que foi utilizada neste trabalho, bem como os instrumentos de investigação utilizados na coleta de dados, tais como o questionário e a entrevista. Também discorreremos sobre as participantes e o local onde atuam como professoras.

#### **2.1. A pesquisa etnográfica**

De acordo com Rodrigues (2008, p. 8), a etnografia, é o método de coleta de dados que descreve uma cultura ou um modo de vida. A etnografia atua enfatizando a exploração da natureza e de um fenômeno social particular; realiza entrevistas em profundidade; inicia a observação; analisa os discursos obtidos por seus informantes; investiga os detalhes de um fato e interpreta os significados e práticas sociais.

Segundo Geertz citado por Rodrigues (2008, p. 20), essa metodologia não visa apenas “a escrever diários, estabelecer relações, mapear campo, mas elaborar uma descrição mais densa sobre o que um grupo de pessoas faz e o significado desses atos para elas, considerando o contexto em que elas vivem”. Desta forma, podemos dizer que o papel do pesquisador é o de estar atento na coleta das informações, a fim, de analisar todos os dados obtidos, levando em consideração todos os aspectos dos participantes, por exemplo, o modo de vida e o de trabalho, ou seja, tentar entender o porquê as pessoas se portam de uma determinada maneira em um determinado contexto.

Levando em consideração o que foi exposto, esta pesquisa visa a interpretar o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa para as crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental de uma instituição municipal de ensino. Sendo assim, foi realizada uma pesquisa etnográfica, uma vez que pretendemos identificar, relatar e analisar as percepções e ações das professoras referente ao ensino de língua Inglesa para as crianças.

## **2.2. As participantes da pesquisa**

As participantes dessa pesquisa são duas professoras do ensino fundamental, porém se faz necessário ressaltar que apenas uma professora possui habilitação em Língua Inglesa com faixa etária entre 30 e 38 anos, porém, com graduações diferentes. A professora A é graduada em Pedagogia por uma universidade privada, no ano de 2008, tendo como o pseudônimo Ana Paula. A professora B possui graduação em Letras (Português/Inglês), no ano de 2007, em uma universidade pública da região Centro-Oeste do Brasil e possui Pós Graduação em Psicopedagogia pelo UNIASSELVI (Centro Universitário Leonardo Da Vinci) em 2012, e terá como pseudônimo Fernanda.

A escolha das participantes ocorreu por meio de uma conversa com o orientador desta pesquisa, quando descobrimos que as professoras selecionadas haviam trabalhado a Língua Inglesa com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola Municipal de uma cidade localizada na região Centro-Oeste do Brasil.

Para tanto, se faz necessário informar que a professora desta pesquisa chamada de Ana Paula, trabalha com crianças desde 2006, porém apenas no ano passado, introduziu a língua inglesa em suas aulas. Já a professora Fernanda não informou há quanto tempo atua com o público infantil, porém deixa claro que já ministrou aulas de Língua Inglesa em uma escola privada e, atualmente, trabalha junto com a professora Ana Paula em uma instituição da rede pública municipal. De acordo com as participantes, o projeto foi implantado apenas no ano passado, e por isso, este ano elas não estão abordando a disciplina de Língua Inglesa em suas aulas, pelo fato da mesma não fazer parte do currículo escolar da instituição que ambas trabalham, para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

## **2.3. Os instrumentos de pesquisa: o questionário e a entrevista**

Para Lakatos *et al* (1990, p. 88), citados por Batista (2004, p. 40), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. O questionário pode ser formulado, a partir de questões, onde suas respostas são denominadas de abertas, fechadas ou ambas. Consideram-se como questões fechadas, aquelas onde as respostas já encontram-se

estipuladas pelo pesquisador. Elas são conhecidas como questões de múltipla escolha. Por outro lado, encontram-se as questões abertas, onde o entrevistado tem a liberdade de responder o que bem quiser a respeito do que lhe foi perguntado. De acordo com Nunan (1992, p. 143), citado por Batista (2004, p. 40), as de respostas fechadas são mais fáceis de coletar, assim como de analisar, porque geralmente são respostas de sim ou não, ou seja, já são conduzidas a responder algo pré-determinado, são delimitadas e não fornecem informações relevantes, porém são as questões de respostas abertas que permitem obter respostas mais significativas porque tendem a ser detalhadas. A pessoa possui a liberdade de responder com suas palavras o que pensa sobre o assunto a qual está sendo abordado na questão.

Para Gil (1999, p. 117), citado por Batista (2004, p. 41), a entrevista é uma técnica em que o pesquisador/investigador se apresenta ao investigado e formula perguntas, cuja finalidade é a obtenção de dados que interessem à investigação. As entrevistas podem ser estruturadas, não-estruturadas e semi-estruturadas (Lakatos et al. apud Batista, 2004). As estruturadas são aquelas que seguem um roteiro ou formulário pré-estabelecido; as não estruturadas deixam o entrevistado livre para se expressar e as semi-estruturadas são a junção das duas anteriores (BATISTA, 2004, p. 41).

Nessa pesquisa, optou-se pela escolha de uma entrevista estruturada, na tentativa de extrair o máximo de informações das participantes, com o uso de um questionário do tipo aberto, para que pudéssemos obter informações, a respeito da vida pessoal, profissional e acadêmica das professoras participantes, por acreditarmos que esse tipo de questionário, possibilita respostas mais claras, sinceras e significativas.

O questionário foi entregue em mãos para ambas as professoras, porém as mesmas pediram para responder em casa, pois na escola não conseguiriam responder as questões, pois as salas com que trabalham são bastante numerosas. Elas tiveram um prazo de 10 dias, para que pudessem responder atentamente ao questionário estabelecido pela pesquisadora. Ao fim do prazo estabelecido, a pesquisadora voltou à instituição de ensino que as participantes trabalham para recolher o questionário respondido por elas.

## **2.4. O local onde as participantes trabalham**

As professoras desta pesquisa trabalham em uma escola da rede municipal de ensino, de uma cidade situada na região Sudoeste de um estado da região Centro-Oeste do Brasil, no período vespertino. Esta instituição foi escolhida por sabermos que no ano de 2012, as professoras trabalharam a Língua Inglesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental e que se tratava de uma escola que compunha o quadro das escolas da Rede Municipal de Ensino.

A instituição funciona no período matutino, e atende aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e no período vespertino, onde atende aos alunos do 1º ao 5º ano, também do Ensino Fundamental.

A escola possui salas bem arejadas, janelas grandes, com ar condicionados e ventiladores de teto, todos em perfeitas condições de usos, uma sala de informática com equipamentos modernos, uma quadra esportiva onde são realizadas as aulas de educação física e programas de recreação e jogos internos da escola, uma sala de leitura, cozinha, banheiros limpos e adequados para os discentes, biblioteca onde os alunos podem pegar livros para ler. O portão possui fechaduras e interfone, sendo aberto somente após a identificação dos que querem entrar na escola. Possui aproximadamente cerca de 514 alunos, 20 professores, distribuídos na Educação Infantil e Fundamental.

## **2.5. O curso para crianças**

De acordo com as participantes da pesquisa, o ensino da língua inglesa ocorria no período vespertino, na sala de aula e não havia dia certo para se trabalhar com a LI, pois esta disciplina não fazia parte do currículo da escola, porém de um projeto elaborado por uma das professoras pesquisadas. Os alunos participantes do projeto eram das primeiras séries do ensino fundamental, com faixa etária entre seis e oito anos de idade.

A seguir, passaremos as análises das respostas das professoras, que foram entrevistadas nessa pesquisa, na tentativa de revelarmos as suas ações e percepções sobre o ensino de inglês para crianças.

## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE DOS DADOS**

Este capítulo busca discutir as respostas dos dados coletados durante a entrevista realizada junto às professoras pesquisadas, buscando entender e compreender suas percepções e ações sobre o ensino de Língua Inglesa para as crianças.

#### **3.1. Percepções das professoras sobre o ensino de inglês para crianças**

Nesta seção analisaremos o que as professoras entrevistadas entendem e percebem à respeito do ensino de língua inglesa pra crianças, na tentativa de esclarecer se suas percepções vão de encontro com o que abordamos e apresentamos nessa pesquisa, de acordo com os linguistas aqui mencionados ou se tratam de crenças próprias, ou seja, de percepções equivocadas. Para isso optamos em dividir essa seção em seis partes, a saber: 1) A importância do ensino de inglês para crianças. 2) O papel do livro didático no ensino de inglês para crianças. 3) A melhor idade para criança aprender inglês. 4) O melhor método para ensinar inglês para crianças. 5) Os objetivos das aulas de inglês para crianças. 6) A avaliação no progresso das crianças na aprendizagem de inglês.

##### **3.1.1. A importância do ensino de inglês para crianças**

Sabemos que nos dias atuais, o ensino da língua inglesa para crianças está em constante expansão em todo mundo. Também sabemos que são várias as pesquisas acerca desse ensino e quão importante ele se mostra na vida do ser humano, motivo este por ser considerada uma língua de renome, de prestígio e universal, como encontramos na fala da professora Fernanda a respeito de sua importância. “Devido à necessidade de se ter uma segunda língua e por ser universal” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013)

A professora continua sua percepção sobre a importância desse ensino, quando afirma que o inglês está presente em nossa vida, todos os dias e em todos os lugares:

O inglês está em todo lugar. No nome de lojas e de produtos, nas músicas que tocam nas rádios, nos programas que assistimos na televisão e, claro, na internet (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Por meio das falas da professora, notamos sua percepção sobre a importância de se conhecer duas línguas e sendo uma delas, a língua inglesa, destacada como universal, internacional, pois sabemos que o inglês é falado em todo o mundo e que possui lugar de destaque em vários setores como, por exemplo, nos negócios, na economia, na política, dentre outros (PAIVA, 1996).

Ana Paula percebe a importância de se ensinar o inglês para crianças, por acreditar que o inglês hoje é muito exigido no campo das profissões. Além disso, não podemos deixar de mencionar que a língua inglesa encontra-se presente em inúmeros campos de atuação no cenário mundial como na informática, na economia, tecnologia e negócios:

Penso que a língua inglesa é falada em todo o mundo e exigida em muitas profissões, então devemos preparar nossos alunos para atuar neste mundo globalizado (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Porque vivemos em um mundo globalizado, em que a língua inglesa é cada vez mais cobrada como requisito de formação, para atuar no mercado de trabalho, então devemos contribuir com a formação destes cidadãos desde cedo (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Vivemos na era da globalização, onde tudo acontece muito rápido e as informações chegam e vão a todo o momento através da internet, que sabemos ser a ferramenta de acesso mais utilizada para obter essas informações, pois através dela, as pessoas se comunicam por todo o mundo e a qualquer hora. Em razão disso, não podemos nos esquecer que a língua inglesa é a língua utilizada no meio virtual, sendo através de seu uso que as pessoas se comunicam, estreitam relações pessoais e comerciais, ou seja, é a língua de referência para a comunicação, como revela Fernanda:

O inglês assumiu uma importância enorme. Tornou-se a língua de referência para a comunicação, tanto para negócios, quanto para lazer (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Por meio da fala da professora, notamos que ela percebe ser fundamental o contato com a língua inglesa, pois ela diz que é através dessa língua que as pessoas entram em contato com as outras no mundo todo e também obtém vantagens seja na vida pessoal ou profissional. E esse contato com a língua inglesa é muito importante e deve acontecer desde cedo, como revela Ana Paula:

[...] a inserção das crianças em uma nova realidade, o que possibilita um crescimento pessoal e intelectual. A exposição de uma língua estrangeira desde cedo é muito importante para a formação da consciência sobre a relevância dessa língua socialmente; hoje há muitas limitações para saber um segundo idioma (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A professora acredita que quando mais cedo à criança for exposta ao ensino dessa língua, melhores serão os resultados no futuro, e terão mais chances de conseguir um bom emprego, pois através do aprendizado dessa língua podem fazer parte de um futuro onde todos se comunicam, trocam experiências e fazem parte de uma realidade moderna e mais rápida, sendo também um caminho para conhecer pessoas de culturas diferentes e fazer troca de experiências, sejam elas reais ou até mesmo virtuais.

Entretanto, ela também percebe e revela que nos dias atuais existem muitas dificuldades para a aquisição de um segundo idioma, pois como sabemos o ensino dessa língua para a criança, não faz parte da matriz curricular das escolas públicas, que a maioria delas frequentam. Então, esse ensino ocorre apenas para aquelas crianças detentoras de uma classe social mais privilegiada, com condições de frequentar escolas particulares ou cursos de idiomas voltados para esse público.

O que se observa nas redes públicas de ensino é que não existe uma preocupação em se ensinar um segundo idioma para crianças, pois esse ensino é considerado com uma das últimas preocupações. Isso pode ser explicado porque as escolas, muitas vezes, não possuem profissionais qualificados e suficientes para o preenchimento das vagas, pois os professores que atuam para esse público infantil não possuem formação adequada, não tem graduação em Letras, que seria o desejável, porém, na maioria das vezes, são graduados em Pedagogia ou

até mesmo no antigo curso do Magistério. No entanto, creio que falta no Brasil políticas linguísticas que incentivem as pessoas aprenderem uma língua estrangeira, pois saber uma língua é tornar o indivíduo cidadão do mundo e quando não ofereço isso, estou, de fato, realizando a exclusão, nesse caso, a linguística. Por isso, é necessária a valorização Do inglês nas instituições e também que os professores sejam conscientes e estejam preparados para se olhar e ser atuante como pesquisador de sua própria prática.

Por meio das falas das professoras, fica evidente que ambas acreditam que a construção de conhecimento em uma segunda língua, nesse caso o inglês é de extrema importância nos dias atuais. Concordamos com elas, haja vista, que o inglês está presente diariamente no nosso cotidiano. A todo momento, nos deparamos com essa língua, seja em um filme, em uma música, em uma etiqueta de roupa, nos nomes de lojas, nos nomes de produtos, que compramos todos os dias, ou seja, está presente em quase tudo o que fazemos. Sabemos também que é requisito fundamental para se conseguir um bom emprego, conhecer culturas diferentes. Sendo assim, podemos dizer que é de extrema importância o conhecimento dessa língua que se faz presente por razões relacionadas, de acordo com Breton (2005), citado por Rocha (2007), à economia, à aprendizagem, à construção do conhecimento para se ter sucesso na vida seja no âmbito pessoal ou profissional e quanto mais cedo for introduzida na aprendizagem da criança, mais rápido e melhor o ensino irá acontecer.

Portanto, podemos dizer que as professoras informam através de suas respostas, não parecem ser percepções equivocadas, pois ambas reconhecem a necessidade e a importância do ensino da língua inglesa para crianças, pelo fato dessa língua estar presente em nossas vidas a todo momento e em quase tudo o que fazemos, por vivermos na era da globalização, como nos revela os estudiosos dessa pesquisa.

### **3.1.2. O papel do livro didático no ensino de inglês para crianças**

Segundo Ramos (2009), citada por Lima & Margonari (2012, p. 132), o lugar do livro didático em sala de aula é importante, mas há escolas que o adota ou não. Esse fato é bastante comum nas aulas de Língua Inglesa pelo Brasil afora. Os motivos de sua adoção ou não são vários, por exemplo, a falta de recursos necessários para a aquisição dos exemplares pelas escolas das redes públicas de ensino ou até mesmo pela resistência de professores tradicionais, que acreditam que os métodos dos quais se utilizam são mais eficazes do que a

utilização do livro didático. Outro fator que também pode ser levado em consideração é a adoção do livro didático de língua inglesa, geralmente, não é contemplada nas séries iniciais da educação infantil, por não contemplarem no currículo dessas instituições, como vemos a seguir nos excertos da professora Ana Paula:

[...] a matriz curricular não contempla a língua inglesa na educação infantil e séries iniciais (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

[...] certamente, um livro de língua inglesa contribuiria com a nossa aprendizagem mais profunda e significativa dos educandos, porém em nossa realidade não está inserido nas séries iniciais (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Ainda em relação à utilização do livro didático em sala de aula, notamos que as professoras acreditam que sua utilização é de extrema importância, quando nos revelam que “o livro é um condutor de raciocínio de assuntos a serem abordados”, como Fernanda revela abaixo:

[...] estamos vivendo a era da tecnologia, mas mesmo com esse bombardeio de informação, o livro é sólido. E não é virtual, é um material de crítica para aqueles que analisam. Um condutor de raciocínio do assunto a ser abordado. Também serve para quebrar o gelo na sala de aula, pois os alunos da rede pública já estão acostumados a trabalhar com o mesmo (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Isso significa que é no livro que o professor se sente seguro, pois nele há todo um roteiro a ser seguido, bem como teorias no qual se baseia. Por isso, pode ser entendido com um fio condutor do conhecimento. Ele é o norteador do conteúdo a ser ministrado pelo professor, uma vez que servem como instrumentos teórico e pedagógico para professores orientarem suas aulas, porém suas lacunas devem ser preenchidas com suportes metodológicos diferentes, ou seja, o professor deve ser criativo, inovar para que suas aulas tornem-se lúdicas, criativas e prazerosas (LIMA & MARGONARI, 2012 p. 133), pois os aprendizes são crianças e uma criança motivada é capaz de aprender e, conseqüentemente, terá sucesso mais rápido no processo de ensino-aprendizagem, conforme explicita FIGUEIREDO (1997, p. 26), citado por (LIMA, 2010, p. 189-190).

Notamos através dos trechos das professoras que ambas concordam que o livro didático possui importante papel na construção do conhecimento e percebemos também que ele não está presente nas séries iniciais da educação infantil, em especial, da rede pública. Sendo assim, concordamos com Lima & Margonari (2012, p. 132), quando informam que o livro didático possui um papel importante na construção do conhecimento, porém se faz necessário uma análise crítica e rigorosa desse recurso didático para sua utilização, haja vista a imensa gama de ofertas que está disponível hoje no mercado, em especial, para aprendizes crianças.

Desta maneira, faz-se necessária a reflexão dos professores de que o livro não é suficiente para a prática do ensino, especialmente, para crianças não alfabetizadas, pois para esse público alvo, bem como para outros, faz-se necessária à utilização de outros tipos de materiais pedagógicos, como fitas de vídeo, DVDs, CDs, vídeos disponíveis na internet, cartazes, materiais xerocopiados, papéis, lápis de cor, giz de cera, canetinha, cartolina, dedoches, fantoches, fantasias, histórias infantis, dentre outros que tornam as aulas prazerosas e divertidas, favorecendo a construção de conhecimento em inglês pelas crianças (LIMA & MARGONARI, 2010, p.134).

Podemos afirmar que há um divisor de águas sobre esse assunto, a maioria dos professores possui computador em casa e no trabalho, entretanto, muito deles, não possuem conhecimentos para pesquisar materiais na internet sobre assuntos destinados a sua área de atuação. Por outro lado, há professores que possuem maiores conhecimentos digitais e até levam novos materiais tirados da internet para imputar no seu trabalho no dia-a-dia.

Entendemos por meio das respostas das professoras, que elas percebem que o livro didático possui papel fundamental na construção do conhecimento, por encontrar nele segurança e as teorias as quais foram submetidos para nortear as práticas de ensino durante as aulas. Assim, podemos dizer que suas percepções vão ao encontro com o que dizem os teóricos sobre a sua utilização e importância do livro didático, porém se faz necessário repensar sua utilização, não sendo necessário segui-lo ao pé da letra, pois, apesar do livro didático ser considerado como o norteador para o ensino existem lacunas, como por exemplo, a falta de exercícios para trabalhar a habilidade auditiva, que devem ser preenchidas para uma aquisição mais eficiente do conhecimento da língua inglesa.

### 3.1.3. A melhor idade para criança aprender inglês

Pesquisas mostram que pesquisadores em todo o mundo reconhecem a necessidade e a importância do ensino da língua inglesa para crianças acontecer quanto mais cedo. Isso quer dizer que se a criança for exposta a uma nova língua mais cedo, seu processo de construção do conhecimento será mais eficiente. A professora Ana Paula esclarece da importância do ensino dessa língua no primeiro ano da educação infantil, ou seja, na fase da alfabetização. Ela argumenta sobre a importância de se preparar as crianças para serem atuantes num mundo globalizado, porém respeitando suas limitações, bem como métodos adequados para cada faixa etária:

Acredito que desde o início da formação educacional respeitando as metodologias adequadas a cada faixa etária. Penso que a língua inglesa é falada em todo o mundo e exigida em muitas profissões, então devemos preparar nossos alunos para atuar neste mundo globalizado (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

De acordo com Rivers (1971), citado por Figueira (2010, p. 127), crianças com faixa etária entre 4 e 10 anos de idade, possuem uma maior flexibilidade em aprender uma outra língua, porque estarão aprendendo juntamente com sua língua materna. Para a professora Fernanda, o processo de ensino de uma LE deve acontecer antes do período da alfabetização e ainda deixa claro que quanto mais cedo as crianças forem expostas ao aprendizado dessa língua, menores serão os problemas e dificuldades nesse processo:

Acredito que a maneira mais eficaz de ensinar inglês às crianças é por meio do aprendizado desde pequenos, muito antes da alfabetização. O melhor seria se as escolas fossem bilíngues. O contato com os dois idiomas desde o começo da vida escolar faz com que o aprendizado flua sem dificuldades ou confusões (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A percepção da professora difere do que dizem os teóricos dessa pesquisa, não indo de encontro ao que os mesmos argumentam. Ela acredita que se as escolas fossem bilíngues, por consequência, as crianças também se tornariam bilíngues. Entretanto, não é o que

encontramos na fala dos linguistas a respeito desse ensino e concordamos com eles, no sentido de que para a criança vir a ter contato com uma segunda língua, ser integrada num mundo com diversas culturas, não há necessidade das escolas serem bilíngues, mas que ofereçam para as crianças, o contato com a língua inglesa desde a fase da alfabetização, fazendo com que a criança possa ampliar seus conhecimentos sem dificuldades. Entretanto, para as escolas fornecerem esse ensino da língua inglesa para crianças, elas devem estar preparadas, com todo o suporte pedagógico necessário, ou seja, materiais didáticos diferenciados, como, por exemplo, jogos e, principalmente, estar amparada com profissionais qualificados que irão trabalhar com esse público infantil, ou seja, se faz necessário que esses professores sejam conscientes sobre sua prática de ensino, pois, como já dissemos anteriormente, esse ensino se dará com crianças em fase da construção do conhecimento.

Ana Paula continua sua percepção e argumenta que se o aprendizado acontecer mais cedo, maiores serão suas chances de sucesso em suas vidas no futuro, como nos mostra o recorte abaixo:

Eu acredito que a criança deve ter de Quatro a Sete anos. Quanto mais cedo as crianças forem expostas à possibilidade de uma aprendizagem significativa da língua estrangeira, o inglês, no caso, maiores serão suas chances de sucesso (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Na fala da professora, podemos ver sua percepção de que quanto mais cedo acontecer o ensino da língua inglesa com a criança, maiores possibilidades, ela poderá ter no futuro, pois o inglês é a língua do momento, das relações pessoais e profissionais e com certeza um forte atributo para a aquisição de um bom emprego com alta remuneração. A criança também entenderá com mais facilidade os motivos pelos quais seu aprendizado deve acontecer, pois vivemos na era da tecnologia e da informação em que tudo acontece muito rápido e o inglês é uma língua internacional para se ter relações, sejam elas pessoais ou profissionais nesse mundo globalizado.

A professora Ana Paula revela que sua prática nesse ensino aconteceu com crianças que se encontravam em fase antes mesmo da alfabetização: “Iniciei no maternal II, com crianças de 2 e 3 anos” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Fernanda nos revela quão gratificante foi sua experiência ao ensinar a língua inglesa para as crianças, informando que se tratam de aprendizes em fase de alfabetização, ao relatar

que foi muito boa sua prática, por ter conseguido proporcionar essa experiência para crianças, e ainda mais por serem da rede pública de ensino. “Foi muito boa, ao mesmo tempo em que propicieei essa oportunidade para crianças da Rede Pública” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Vemos nos excertos das professoras acima que a prática de ambas ocorre, de acordo com o que dizem Graddol, (2006, p. 66), citado por Tonelli & Cristovão, (2010, p. 88), a respeito de que crianças em todo mundo começam a ter o ensino dessa língua cada vez mais cedo. Tal fato se caracteriza como tendência mundial (LINGUEVIS, 2007). Porém, ainda não existe um consenso estabelecido entre esses estudiosos em relação a melhor idade para esse ensino acontecer. Entretanto, a fala das professoras vai ao encontro com o que a sociedade acredita ser o melhor. Porém, é necessário que a prática profissional seja sempre repensada e revista, pois para cada público se faz necessário a utilização de técnicas e métodos diferentes, respeitando sempre as especificidades de cada faixa etária adequada na qual se está trabalhando, e se tratando desse ensino para com as crianças, é muito importante que o professor saiba e perceba que elas necessitam de atenção, serem respeitadas e motivadas sempre, para que o processo de ensino flua sem limitações e contratempos, pois apesar de não terem vergonha de se exporem e participarem, são apenas crianças e se constrangidas e desmotivadas de alguma forma, poderão não adquirir a língua-alvo.

Dessa forma, por meio dos excertos das professoras, podemos afirmar que as professoras reconhecem a necessidade e a importância do ensino de uma segunda língua, neste caso, a língua inglesa, acontecer nos primeiros anos de vida das crianças. Sendo assim, podemos dizer que as percepções das professoras vão de encontro com o que abordamos e revelamos nessa pesquisa.

#### **3.1.4. O melhor método para ensinar inglês para crianças**

Rocha (2006, p. 130), citada por Lima & Margonari (2012, p. 130), informa que o ensino de inglês para crianças está em constante expansão em escolas, sejam elas particulares ou até mesmo das redes públicas de ensino. Para que o ensino seja significativo para a criança, é necessário que o professor seja detentor de procedimentos metodológicos diferenciados (LIMA & MARGONARI, 2012, p. 133). Para a professora Fernanda, é papel do professor, fazer com que as crianças sintam o desejo de aprender cada vez mais a língua:

O aluno chega à escola desejoso de aprender, de saber mais do que aquilo que sabe, ele tem curiosidade de aprender, de saber, de falar, de ouvir. Cabe ao educador manter esse desejo aceso. É no desejo de ensinar que o educador envolve o aluno em sua paixão por aprender (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Pelo excerto acima da professora percebemos que as crianças se mostram interessadas em aprender a língua inglesa. Elas querem aprender a falar, a ouvir, entender, ou seja, elas demonstram interesse em aprender para poder se comunicar na língua, e a professora parece entender, pois nos revela que é papel do professor manter esse desejo de aprender por parte dos alunos aceso, e isso pode ser conseguido através de aulas bem elaboradas, planejadas e executadas.

Fernanda ainda informa que o ensino não deve ficar apenas na teoria e em sala: “Elaborar as aulas práticas, aulas de campo e não só teóricas, para que se torne um prazer o planejar e ensinar” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A professora por meio de sua fala entende que o professor deve planejar e elaborar aulas diferentes, com aulas práticas de campo. Sabemos que as aulas de campo são aquelas em que acontecem fora da sala de aula, geralmente em um ambiente ao ar livre. Então dizemos que a professora acredita que uma das maneiras de ensinar a língua seja através desses tipos de aulas. Porém isso é muito difícil de acontecer, pois o tempo da aula de língua inglesa que é destinado é muito curto, além de não fazer parte do currículo escolar para as crianças, inviabilizando então essa prática de ensino.

Ana Paula por meio de sua prática percebe a importância de se introduzir o vocabulário no ensino das crianças. “Desde a educação infantil, acredito que seja importante introduzir o inglês no vocabulário das crianças, devido a isso ensino o inglês as crianças” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013). A professora continua sua percepção sobre a relevância de se ensinar o vocabulário, indo de acordo com o que muitos professores acreditam que o ensino da língua inglesa deve ser através de um vocabulário específico e frases prontas, levando desta maneira as crianças ao velho método de ensino tradicionalista da repetição e tradução, onde assim, as crianças ao invés de aprenderem, elas apenas memorizam ou decoram, mas depois esquecem, desta forma não conseguem utilizar a língua para se comunicarem. Assim, queremos enfatizar a necessidade do ensino de vocabulário para as

crianças de maneira contextualizada, para que elas possam utilizar a língua para fins comunicativos, ocasionando desta forma a interação.

No cotidiano brasileiro existem muitas palavras em inglês inseridas em nosso vocabulário, por isso acredito que devemos ensinar que existem outras línguas faladas no mundo, e desde cedo é importante internalizar nas crianças a ideia de globalização do inglês que é difundido em todo o mundo (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Fernanda ainda faz uma importante revelação no que diz respeito ao vocabulário que se aprende e que é possível aprender essa língua se utilizando de suas próprias habilidades, ou seja, lendo, escrevendo, falando, tudo depende da prática:

Tudo depende da sua dedicação. Escreva, fale e ouça. Ao aprender um idioma novo, você trabalha quatro habilidades – duas ativas (falar e escrever) e duas passivas (entender e ler) (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Por meio desta fala, nota-se que a professora acredita que para o ensino acontecer, é necessário dedicação. E essa dedicação deve começar por meio do professor, inovando, planejando com cuidado e carinho suas aulas, trabalhando de maneira animada e entusiasmada para cativar as crianças, motivando-as a querer sempre aprender inglês.

Em relação ao se trabalhar com a habilidade oral Ana Paula também dizia trabalhar em sala de aula. “Trabalhava a imagem com foco na oralidade, e sempre ficava emocionada ao ouvir as crianças realizando a pronúncia e relação com a imagem” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

No excerto acima, a professora diz fazer uso de uma prática voltada a oralidade, mas agora questionamos se realmente ela se utilizava da oralidade em si, ou se utilizava do velho método de repetição, pois ela informa que as crianças realizavam a pronúncia de acordo com o que viam, então podemos dizer que elas viam um objeto a professora realizava a pronúncia e as crianças apenas repetiam, e desta forma como já mencionamos acima, ao invés de aprender a língua e poder utilizá-la para a comunicação, elas apenas decoravam e com o passar do tempo a tendência será que esqueçam.

Assim, queremos dizer que quando trabalhamos com crianças, se faz necessário utilizar atividades cativantes e que prendam a atenção das crianças. É preciso que se trabalhe com atividades que levem as crianças, ao encontro de seu próprio mundo, histórias, músicas, desenhos, etc. (WILHIANS, 1995 apud LUZ, 2003, p. 204) citado por (SCAFFARO, 2010, p. 66), utilizando desta maneira o lúdico nas aulas, ou seja, o professor deve abandonar os velhos métodos tradicionais de tradução e repetição que já fazem parte do passado, e voltar os olhos para a utilização de métodos contemporâneos como a realização de atividades lúdicas em suas aulas, para que o ensino seja significativo para as crianças.

Desta forma, concordamos com a professora Ana Paula quando diz que “os conhecimentos devem ser construídos as crianças a partir de métodos que abordem o lúdico e tornem a aprendizagem prazerosa, não massificante”. Desta forma, as crianças prestarão atenção e participarão das aulas com empolgação, como revela a professora Fernanda no excerto abaixo:

As crianças passavam a semana inteira me perguntando quando ia ser a aula de inglês. Participavam por meio de brincadeiras, músicas e muita interatividade (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Entendemos por meio das vozes das professoras que elas acreditam ser necessário e de extrema importância o ensino do vocabulário para as crianças. Entendemos que o ensino do vocabulário é importante, mas desde que seja praticado de maneira contextualizada, para que a criança possa entender, compreender e aprender realmente a língua e assim poder utilizá-la para se comunicar e interagir. Concordamos com as professoras quando ambas revelam que o lúdico serve para atrair e prender a atenção das crianças nesse processo de aprendizagem, pois desta maneira elas aprendem se divertindo. Portanto é papel do professor fazer que esse ensino aconteça e seja eficiente, sendo necessário rever sua prática e fazer uma reflexão da mesma, para que desempenhe seu trabalho de maneira inovadora, diferente, se utilizando de brincadeiras, jogos, ou seja, introduzindo o lúdico nas aulas, contribuindo também para que haja a interação das crianças durante as aulas, pois sabemos que as crianças têm um grande potencial de aprendizagem e a sala de aula de língua estrangeira pode deixar de contribuir se este potencial não for explorado.

### 3.1.5. Os objetivos das aulas de inglês

Como já foi abordado nessa pesquisa, o ensino de língua inglesa está em constante evidência e crescendo cada vez mais em todo o mundo. Isso pode ser explicado por essa língua se apresentar como essencial nesse mundo em que vivemos hoje, pois é a língua da tecnologia, da informação, das relações sociais e da comunicação, dentre outros, então questionamos: para que ela deve ser ensinada para as crianças? Diante de todas as informações que circulam todos os dias no mundo, a professora Ana Paula acredita ser importante o ensino da língua inglesa para as crianças, com o objetivo de que elas possam adquirir um maior conhecimento e da língua estrangeira por meio de vocabulário. “Com o objetivo principal de introduzir o conhecimento de uma segunda língua ao vocabulário do aluno” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Ensinar para crianças apenas uma linguagem simples, por meio do vocabulário é subestimar-las, pois elas possuem um grande potencial e acabam por nos surpreender cada vez mais, então a sala de aula deve servir para que ela aprenda e avance cada vez mais na aquisição do conhecimento de uma língua estrangeira, ou seja, é preciso ir além do que ensinar apenas vocabulário solto para elas, pois elas podem aprender muito mais que isso.

A professora Fernanda concorda com Ana Paula e vai mais além, ao afirmar que o ensino deve ter o objetivo de ampliar o conhecimento das crianças, porém com a utilização do lúdico em suas aulas. “Com o objetivo de passar aos meus alunos conhecimento, fazendo com que compreendam a matéria através de um desenvolvimento lúdico” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Por meio de seus excertos, notamos que as professoras percebem ser muito importante que a criança venha a ter contato com a língua inglesa para ampliar o conhecimento que já possuem. Fernanda, por exemplo, informa que esse conhecimento deve ser construído para as crianças por meio do lúdico. Isso quer dizer que ela percebe que por serem crianças, deve-se utilizar de técnicas e métodos adequados a esse público alvo para manter o interesse e tornar o ensino-aprendizagem prazeroso e eficiente. Sob esse mesmo prisma, Ana Paula também se mostra adepta ao uso do lúdico em suas aulas para que os conhecimentos sejam construídos para as crianças. “A partir de metodologias que abordem o lúdico e tornem a aprendizagem não massificante” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Fica evidente por meio das falas das professoras, que percebem a importância de se aprender uma segunda língua desde cedo. Entretanto, se faz necessária a conscientização desses professores para que saibam que o aprendizado de uma língua estrangeira não deve se ater apenas ao ensino de palavras soltas, descontextualizadas, por meio de vocabulário, ou seja, a língua deve se apresentar para a criança com um papel fundamental na construção das relações que desde cedo começam a construir via interação social com pessoas que as cercam, sejam no âmbito familiar, escolar, na sociedade que vivem. Diante disso, a professora Fernanda parece entender que o papel do ensino de uma língua, neste caso, a língua inglesa, deve propiciar que o aluno desempenhe papéis sociais perante a sociedade:

Reconhecemos a necessidade da circulação de informações e conhecimentos, mas não queremos que as crianças e os jovens que frequentam nossas escolas aprendam conceitos ou teorias científicas desarticulados das funções sociais (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Por meio do excerto abaixo, a professora percebe o quanto importante é o ensino da língua inglesa para que a criança possa crescer atuante na sociedade que está inserida, por meio da interação social:

Queremos que eles pensem sobre a sociedade, interajam para transformá-la e construam identidades pessoais e sociais, vivendo a infância e a adolescência de modo pleno (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Por meio dos excertos das professoras, podemos dizer que ambas reconhecem a necessidade e a importância que a língua inglesa tem conquistado no mundo. Esse domínio da língua pode ser explicado por questões políticas, econômicas, culturais, internacionais, ou seja, é a língua do momento. Entretanto, fica claro que a professora Fernanda acredita que o ensino dessa língua deve acontecer também com uma finalidade específica, a de proporcionar a criança um espaço dentro da sociedade que vive, utilizando o conhecimento da língua para se expressar e se comunicar. Já a professora Ana Paula, não deixa claro e, não evidencia em momento algum a importância da língua inglesa. Apenas enfatiza que o aprendizado se apresenta para ampliar o conhecimento da criança.

Desta forma, concordamos com Fernanda e podemos dizer que sua visão em relação ao objetivo de ensinar a língua inglesa vem de encontro com as pesquisas, em que a língua deve ser ensinada para fins sociais de comunicação:

[...] nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e como o meio em que vivem (SECATTO, 2010, p. 131).

Sendo assim, entendemos que por meio das interações com outros, com o meio e consigo mesmo que as crianças constroem seu conhecimento de mundo, e de língua, a fim de pensar e agir no mundo real complexo. Portanto, os objetivos de ensino de inglês devem ser pensados a partir dessa consideração.

### **3.1.6. A avaliação do progresso das crianças na aprendizagem de inglês**

Quando se trata do ensino de inglês para crianças, temos que levar em consideração muitos fatores para podermos saber se elas estão aprendendo ou não, dentre eles, o comportamento delas durante as aulas, o interesse e a motivação para se aprender essa nova língua. Isso pode se dar por meio de uma boa prática do professor, aliado também ao seu interesse em proporcionar algo inovador para crianças, para que ambos os lados, o educador e o educando sintam-se interessados a aprender e praticar.

Se a aula se torna interessante para a criança, ela cada vez mais participará e estará sempre motivada a aprender a nova língua. De acordo com a professora Fernanda, por meio da interação, graças ao uso do lúdico e da música que o interesse da criança em aprender inglês se manifesta:

As crianças passavam a semana inteira me perguntando quando ia ser a aula de inglês. Participavam por meio de brincadeiras, músicas e muita interatividade (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A professora também nos revela que o professor ao entrar em contato com o universo da criança também se torna aprendiz com a prática vivenciada. “Todos nós participantes do projeto, pudemos adquirir novos conhecimentos, a partir das experiências vivenciadas em sala de aula, foi muito produtivo” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

O excerto acima de Fernanda nos revela sua percepção de que trabalhar com crianças, e de maneira lúdica, proporciona o conhecimento tanto para a criança, quanto para o professor, pois o faz a estudar mais.

A professora Ana Paula também nos informa que as crianças sempre participavam das aulas de língua inglesa e com muito interesse. “Sempre participavam das atividades propostas e se mostravam interessados em aprender” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Em relação à aquisição do conhecimento da língua pelas crianças, a professora Ana Paula diz perceber que o aprendizado acontece por meio da participação das crianças nas aulas e também por meio da correção de conhecimentos, como palavras da língua inglesa que já faziam parte do vocabulário das crianças:

Sempre participavam e contribuíamos as hipóteses na sondagem inicial e nas confecções de materiais (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A participação na realização das atividades propostas e sondagem final para consolidação ou correção dos conhecimentos prévios (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Já a professora Fernanda acredita que para o ensino acontecer basta dar o ponto de partida para que as crianças possam adquirir a nova língua. “Eles têm muita facilidade, é impressionante como absorvem o conhecimento com rapidez. É só questão de começar o aprendizado” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

No excerto da professora, podemos verificar que ela acredita que quanto mais cedo à criança vir a ser exposta ao aprendizado de uma língua estrangeira, mais rápido o ensino acontecerá. Isso pode ser explicado, através de questões de ordem biológicas e psicológicas, que revelam que quanto mais cedo começar o contato com a língua inglesa mais eficaz a aprendizagem se tornará (CHAGURI, 2005, p. 1) baseado em (SCHUTZ, 2003). Dessa maneira, fica claro e evidente a facilidade e a naturalidade que as crianças têm para aprender outra língua, nesse caso, a língua inglesa.

Notamos pelos excertos das professoras, que elas acreditam que através da participação das crianças em sala de aula, por se mostrarem motivadas e interessadas em aprender a língua inglesa, acreditam que são sinais de que estão realmente aprendendo. Evidenciam também que esse aprendizado acontece pelo fato de trabalharem com o lúdico em suas aulas. Dizemos, então, que o que elas pensam ser suficientes para avaliar o conhecimento da criança, podem ser percepções que elas acreditam, pois acreditamos que para avaliar se a criança está aprendendo ou não uma língua estrangeira, é preciso ir muito além do que a observação empírica por parte dos professores em relação aos alunos.

Para dizermos que uma criança está realmente aprendendo é necessário que ela use a língua para a comunicação.

### **3.2. Ações das professoras no ensino-aprendizagem de inglês para crianças**

Nesta seção trataremos das ações das professoras em relação ao ensino de língua inglesa para crianças, na tentativa de esclarecer se suas práticas estão de acordo com o que os teóricos que aqui foram abordados acreditam ser o correto sobre o ensino de inglês para crianças. Sendo assim, essa seção foi dividida em quatro partes, a saber: 1) O ensino de inglês para crianças na escola. 2) A prática de ensinar inglês para crianças de acordo com as professoras. 3) O método de ensino de inglês para crianças por parte das professoras. 4) O material didático usado pelas professoras para ensinar inglês para crianças.

### 3.2.1. O ensino de inglês para crianças na escola

Como já foi dito nessa pesquisa, o ensino de uma língua estrangeira, nesse caso, a língua inglesa para crianças, na maioria das escolas públicas não é ofertado nas séries iniciais. Porém, alguns professores por acreditarem e saberem da importância que essa língua assumiu nos dias atuais no panorama nacional e internacional lutam por inserir o ensino dessa língua em suas aulas, mesmo sabendo que essa disciplina se encontra fora da grade curricular desse nível escolar. Foi que a professora Fernanda fez e nos revela o desenvolvimento de um projeto pessoal e de amor à língua que visa ensinar inglês para crianças do pré à 5ª série:

Na Rede Pública Municipal não tem a Língua Inglesa na grade curricular, fez parte de um projeto pessoal meu (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

O projeto foi desenvolvido na escola desde o pré ao 5º ano do Ensino Fundamental sob minha coordenação (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A professora Ana Paula também evidencia sobre o ensino desta língua não se apresentar como obrigatório no currículo escolar da escola, e enfatiza que o realiza através de sua prática. “Não, apenas de minha prática de ensino” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

As professoras através de suas falas deixam bem claro que apesar do ensino da língua inglesa não estar presente no currículo escolar, ambas interferem no currículo da escola, oferecendo essa língua por meio de um projeto para as crianças. Acreditamos que essa visão das professoras em ofertar para as crianças o ensino dessa língua, seja pela importância que a mesma exerce no mundo contemporâneo, bem como pelo amor em ensinar inglês e acreditar que essa língua será reconhecida por nossos governantes não apenas em nível fundamental em diante, porém no infantil também.

Ao serem questionadas sobre a experiência desse ensino, as professoras nos informaram que há alguns anos já trabalham com essa prática de ensino em suas aulas. A professora Fernanda revela que já trabalhou com o inglês para crianças da pré-escola na rede particular de ensino, e, posteriormente, foi trabalhar na rede pública de ensino:

Ministrei aulas de língua inglesa em uma escola particular na pré-escola e depois vim trabalhar com meus alunos do primeiro ano do ensino fundamental, demais colegas gostaram do projeto e trabalharam (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Já Ana Paula informa que desde 2006, atua com crianças e insere a língua inglesa em suas aulas através do vocabulário:

Iniciei a docência em 2006 na educação infantil, maternal II, e já ensinava palavras como frutas, animais e números em inglês. Já ensinei no pré, 4º ano e atualmente no 2º ano (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Pelo que pudemos observar diante do que nos foi informado pelas professoras, o ensino do inglês na escola em que trabalham não é reconhecido como disciplina, ou seja, não é contemplada para as séries iniciais conforme sugerem os Referenciais e Parâmetros (TONELLI & CRISTOVÃO, 2010, p. 67). Para tanto, as professoras reconhecem a importância dessa língua, através de um projeto de ensino e colocaram em prática o ensino desse idioma.

Porém, sabemos que para realizar tal prática, é preciso que o professor tenha um alto nível de proficiência dessa língua e formação adequada. Entretanto, não é o que encontramos nos cursos de graduação seja de Letras ou Pedagogia, pois, geralmente, os profissionais que atuam no cenário educacional com crianças possuem graduação em um desses cursos. Contudo, o mais grave é que ambos os cursos não oferecem uma disciplina voltada ao ensino de inglês para crianças. Sobre esse aspecto, Silva (2010, p. 305) informa que o currículo de Licenciatura em português-inglês não aborda em sua grade curricular a Educação Infantil e o curso de Pedagogia, por sua vez, não trata do ensino de línguas estrangeiras.

Concordamos e admiramos as professoras pela iniciativa que tiveram a respeito do ensino da língua inglesa para as crianças, mas queremos deixar claro, que apesar da professora Fernanda ser graduada em Letras/Inglês e Ana Paula em Pedagogia, acreditamos que ambas não possuem conhecimento teórico suficiente para ensinar para crianças, pois esse ensino requer domínio de teorias de aquisição e métodos relativos a esse público. As

professoras apenas começaram a colocar em prática o ensino da língua em suas aulas e não se preocuparam em fazer um curso de capacitação do ensino de inglês para crianças. Isso significa que ensinam baseadas em percepções que ora estão coerentes com as tendências atuais para o ensino de inglês para crianças ora não. Por isso, defendemos que os professores que trabalham com crianças devem ser capacitados, motivados, e proficientes na língua. Dessa forma, queremos ressaltar a importância de ser repensada a prática profissional dos professores, mas que também os educadores voltem os olhos ao processo de formação dos profissionais e da necessidade dos cursos de graduação inserir uma ou mais disciplinas que abordem o ensino da língua inglesa para crianças no curso de Letras, assim como no de Pedagogia.

### **3.2.2. A prática de ensinar inglês para crianças de acordo com as professoras**

Ao desenvolver o ensino da língua inglesa para crianças é necessário que o professor possua competências teórica e linguístico-comunicativa (ALMEIDA FILHO, 1993) necessárias para que a concretização de sua prática seja bem elaborada e eficiente. Ao serem questionadas sobre as aulas que ministraram para as crianças, as professoras participantes se mostraram adeptas ao uso de imagens, vídeos, brincadeiras, com vistas em promover a interação. Ana Paula, por exemplo, enfatiza que as crianças se adequam melhor quando são expostas ao lúdico. “Acredito que as crianças presentes nas séries iniciais precisam ou se adequam melhor aos jogos para aprender” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Desta forma, nota-se que a professora revela ser adepta de uma prática voltada ao lúdico, que pode ser explicada pelo ensino ocorrer com crianças e, desta forma, quando utilizam a ludicidade o ensino se torna prazeroso para as crianças, pois aprendem brincando.

A professora Fernanda informa que por se tratar de crianças é necessário também proporcionar a interação aliada ao lúdico:

Como o público alvo do projeto são crianças ainda não alfabetizadas, a língua Inglesa é ensinada por meio de imagens, brincadeiras e muita interatividade (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

O ensino através do lúdico proporciona a interatividade entre as crianças e também com o professor, pois por meio das brincadeiras, elas passam a se comunicar umas com as outras, com o professor e aceitam a presença do outro, ou seja, compreendem que para brincar precisam da presença de outra criança para ser divertido e acabam por se relacionar entre elas e tornando possível a interação.

A professora ainda informa que o foco deve ser na oralidade para depois se firmar na escrita:

Foco no ensino de línguas com essa metodologia é a comunicação oral e a construção de uma base de conhecimentos para a futura exposição das crianças à língua escrita (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Pelo seu excerto, podemos dizer que Fernanda tem como crença própria um ensino voltado primeiramente para a habilidade oral, para depois se trabalhar com as outras habilidades. Dizemos que essa reflexão da professora é uma percepção equivocada da mesma, pois os linguistas aqui abordados não informam que primeiro deva se trabalhar com a oralidade, mas que o professor deva se utilizar de ferramentas pedagógicas diferenciadas para que sua prática de ensino seja bem elaborada e realizada para que o ensino da língua inglesa se torne agradável para as crianças, tornando possível seu aprendizado.

A utilização do lúdico pelas professoras nas aulas mostra-se como ferramentas pedagógicas ricas no processo de ensino aprendizagem das crianças. Fernanda também trabalha com teatros, por acreditar que o ensino pode fluir naturalmente, pois as histórias fazem parte do mundo das crianças:

As atividades mais frequentes dentro do projeto foram os teatros, pois as crianças, assim, se adaptaram devido já conhecerem as historinhas infantis na língua pátria (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Pela sua fala, a professora parece se utilizar da confiança que as crianças possuem para incrementar sua prática, pois sabemos que as crianças possuem um alto nível de confiança,

não são inibidas, se expõem a situações diferentes, não sentem medo de ser rejeitadas e experimentam o novo (KRASHEN, 1998) citado por (FIGUEIRA, 2010, p. 113).

Ana Paula em suas aulas procura saber primeiramente o conhecimento prévio da criança sobre o novo assunto que ela irá abordar na língua inglesa para, posteriormente, investigar se elas conseguiram aprender o que lhes foi ensinado no dia:

Sempre que um assunto novo é inserido inicio com a apresentação de imagens ou vídeo, então realizo a investigação do conhecimento prévio dos alunos para perceber o conhecimento que já possuem, então realizamos a atividade do dia, impressa ou confecção de algum material em sala. Ao final retomamos a sondagem inicial para consolidar as verdades apresentadas por eles e valorar as novas aquisições (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Podemos notar que as professoras ao relatarem suas práticas se mostram adeptas à utilização de materiais lúdicos voltados ao ensino de língua inglesa para crianças. Isso ao nosso ver, é muito importante, pois como são iniciantes no ensino, os jogos, as brincadeiras se tornam ferramentas pedagógicas preciosas para que as crianças gostem das aulas e aprendam cada vez mais, proporcionando a interação, pois é através desta, que elas comunicam-se com as outras crianças, com o professor, passam a aceitar a presença do outro, construindo, assim, relações e conhecimentos.

A professora Ana Paula, por exemplo, leva em consideração o conhecimento de mundo e anterior dos alunos, para depois avaliar se estão progredindo e aprendendo realmente. Isso é muito importante na construção do conhecimento porque ela poderá avaliar com precisão se as crianças estão realmente absorvendo o conteúdo que lhes é ensinado, ou se esse conteúdo já fazia parte de seu repertório e, principalmente, avaliar se a prática de qual se utiliza, está sendo adequada para o processo de aprendizagem das crianças ou não. Entretanto, temos que ressaltar que para a prática de ensino ser considerada satisfatória, é necessário que o professor possua conhecimento necessário da língua e também de como ensinar. Seria o caso, então, de fazer cursos e capacitações constantemente para melhor desenvolver sua prática dentro da sala de aula. Precisa ser consciente e refletir sobre sua prática, destacando seus pontos positivos e negativos, buscando sempre corrigir o que não se adequa ao ensino. Ser inovador, no sentido de apresentar conteúdos atrativos para as crianças, ou seja, não pode

estacionar. É preciso sempre estar buscando o novo para melhorar sua prática, pois professor formado não é produto acabado (FREITAS, 1996).

### **3.2.3. O método de ensino de inglês para crianças por parte das professoras**

Ao serem questionadas sobre quais métodos se utilizavam em sua prática de ensino de língua inglesa para as crianças, as professoras revelaram a utilização do lúdico através de jogos e brincadeiras. Em relação a isso, a professora Fernanda revela:

O objetivo inicial foi realizar pesquisas sobre metodologias de ensino de língua inglesa para crianças ainda não alfabetizadas, principalmente com o uso de jogos e atividades lúdicas e interativas. Elencar possíveis temáticas e materiais que pudessem ser utilizados durante as aulas de inglês (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Notamos que a professora Fernanda apenas informa que se utilizava de ferramentas pedagógicas lúdicas, uma vez que fez uma pesquisa para o ensino de inglês para crianças não alfabetizadas, porém não explicitou claramente o método de ensino usado para tal público alvo. Enfim, ela não menciona em momento algum se trabalhava com atividades orais, escritas ou auditivas com as crianças, que são habilidades fundamentais para que a construção do conhecimento em uma língua se concretize de fato.

A professora Ana Paula também demonstra utilizar como método de ensino de inglês para crianças, o uso do lúdico, porém baseado no senso comum:

[...] procuro realizar atividades que envolvam o lúdico, como cruzadinhas, caça-palavras, confecção de dominó, jogo de palavras e figuras, jogo da memória, bingo e leituras de pequenos textos, formar palavras com recorte e outras. A abordagem vem de meu olhar pedagógico e busca de materiais e recursos que sejam atrativos (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A professora também revela trabalhar com expressões de cumprimento, dias das semanas, meses, entre outros:

Atualmente trabalho no 2º ano do E.F., então trabalho expressões de cumprimento, dias da semana, meses do ano, números e algumas palavras como frutas, animais e brinquedos (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Mais uma vez vemos que a professora revela ser adepta do lúdico, porém percebemos que utiliza esse ensino por meio de vocabulário. Ela menciona que ensina frutas, animais, dias, meses. O ensino do vocabulário é interessante para se conhecer novas palavras, porém acreditamos que é necessário levar em consideração quais palavras ensinar, dentro de um determinado contexto de uso, pois o ensino de inglês tem o objetivo de levar a criança a se comunicar. Então, a escolha das palavras a ser ensinada deve ser contextualizada, a fim de levar a criança a usar a língua. Dessa forma, acreditamos que o lúdico não deve servir apenas para o ensino de vocabulário, ou seja, não é somente que a criança escreva, copie e repita, pois, dessa forma, ela não irá aprender a se comunicar efetivamente.

O lúdico é importante para todas as idades e não apenas para crianças, porém deve ser utilizado para escrita, para audição para a oralidade e a leitura. Entretanto, basta o professor ter criatividade e elaborar atividades que envolvam todas as habilidades da língua, porque entendemos que para podermos dizer que a criança está aprendendo a língua inglesa, ela deve ser capaz de falar, escrever, ouvir e compreender e não aprender somente vocabulário descontextualizado de um contexto de uso.

Podemos dizer que a professora se utiliza do ensino do vocabulário em suas aulas por acreditar que ensinar palavras seja o ponto de partida no ensino da língua inglesa, nesse caso, com crianças. Entretanto, essa ação da professora de ensinar apenas o vocabulário para que as crianças aprendam a língua, não vai ao encontro com o que nos revelam alguns linguistas aplicados usados nessa pesquisa, pois as crianças em fase pré-escolar entendem o que é dito a elas, mas as palavras não são responsáveis sozinhas por esse entendimento. Isso acontece devido a todas as dicas que recebem para compreender o vocabulário. Dicas estas que podem ser dadas, através da contextualização do vocabulário aliado ao uso de atividades variadas, (DONALDSON, 1979) citado por (SCAFFARO, 2010, p. 65).

### **3.2.4. O material didático usado pelas professoras para ensinar inglês para crianças**

Quando falamos do ensino de uma língua estrangeira para crianças, temos que nos atentar para que esse ensino seja prazeroso e atrativo para elas e com as crianças, o ensino de língua inglesa não é diferente. É preciso tornar as aulas dinâmicas de modo que sinta vontade de aprender e participar cada vez mais. Nesse sentido, o professor deve estar atento e consciente de desenvolver os conteúdos de maneira lúdica para com os aprendizes, utilizando variados materiais didáticos. A professora Ana Paula ao atuar com o ensino da língua inglesa para com as crianças nos informa que utilizava de materiais didáticos lúdicos em suas aulas, como vemos no excerto a seguir. “Trabalho com a confecção de jogos, atividades montadas e elaboradas por mim e pesquisadas em livros, coleções e internet” (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

A professora Fernanda também nos revela fazer uso de materiais lúdicos em suas aulas, enfatizando que o lúdico desperta na criança a criatividade, além de tornar a aula mais atrativa para os alunos e possibilitando a interação em sala:

Através dos jogos lúdicos, do brinquedo e da brincadeira, desenvolve-se a criatividade [...] tornam as aulas mais atraentes para os alunos, são a partir de situações de descontração que o professor poderá desenvolver diversos conteúdos, gerando uma integração entre matérias curriculares (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Pelas respostas das professoras também pudemos perceber que elas trabalhavam com materiais didáticos diferenciados, porém ludicamente. Baseados em Lima & Margonari (2012, p. 133), dizemos que as ações das professoras são válidas porque se utilizam de uma prática pedagógica diferenciada, tornando o ensino agradável para as crianças e também em Wilhians (1995 apud Luz, 2003, p. 204), citado por Scaffaro (2010, p. 66), pois as crianças precisam de atividades como histórias e músicas para que aprendam se divertindo.

Ana Paula confeccionava jogos, cruzadas, entre outros:

Trabalhava com a confecção de jogos, cruzadinhas, caça-palavras, o que é o que é, 7 erros e outros. Os alunos se mostravam muito participativos,

contribuindo com a construção dos jogos e principalmente brincando (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Já Fernanda fazia uso de jogos e também de vídeos:

Usei o dominó com nomes, quebra-cabeça, frutas e teatrinhos envolvendo-as em histórias infantis (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Principalmente com o uso de jogos e atividades lúdicas e interativas. DVDs e filmes infantis (Questionário realizado de 10 a 20 de maio de 2013).

Através dos excertos das professoras, fica notável que ambas se utilizavam de diferentes materiais didáticos lúdicos em suas aulas de língua inglesa, fazendo com que o aprender aconteça de maneira lúdica e divertida para as crianças. As crianças precisam ser motivadas ao aprendizado, e uma maneira de isso acontecer é se utilizar de atividades que as levem ao seu próprio mundo, como desenhos, filmes, histórias infantis, pois aprenderão se divertindo (WILHIANS, 1995 apud Luz, 2003, p. 204), citado por SCAFFARO (2010, p. 66).

O lúdico é utilizado para chamar e atrair as crianças durante as aulas de língua inglesa, porém é preciso lembrar que não só de brinquedos, jogos, música e brincadeiras se constrói o ensino. O professor precisa planejar e elaborar suas aulas com muito cuidado. É preciso saber o que ensinar as crianças, respeitando suas limitações. As crianças precisam compreender que existem regras a serem seguidas e entender que em alguns momentos as brincadeiras ficarão de lado para que elas possam produzir, seja falando ou escrevendo o que foi ensinado, ou seja, o professor antes de tudo deve ser consciente de como e quando usar o lúdico em suas aulas, porém não esquecendo de que é preciso ensinar conteúdos também.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos por meio desse trabalho, tecer considerações no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de LEC, a fim de possibilitar reflexões sobre fatores que influenciam diretamente esse processo, como a melhor idade para aprender uma língua estrangeira, os procedimentos metodológicos adequados, a importância desse ensino, e a formação do professor atuante nesse cenário.

Na tentativa de entender esse processo, é necessário retomarmos a pergunta de pesquisa norteadora desse trabalho: quais são as ações e percepções de duas professoras sobre o ensino de inglês para crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Municipal de Ensino de um Estado da região Centro-Oeste do Brasil?. Para tentarmos responder essa pergunta, bem como chegarmos ao objetivo do trabalho que foi analisar e entender as percepções e ações de duas professoras sobre o ensino de língua inglesa para crianças de uma escola pública, a respeito como elas entendem o ensino para crianças, realizamos uma pesquisa autoinvestigativa, de natureza etnográfica, de cunho qualitativo, realizada por meio de uma entrevista como instrumento de coleta de dados, constatamos que o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa para crianças ainda encontra muitos desafios e, por isso, está muito distante do que realmente se espera alcançar, ou seja, proporcionar um ensino de qualidade para as crianças, com todo o suporte pedagógico necessário, e o mais importante que essa prática seja realizada por professores qualificados e preparados, bem como a sua implantação, de fato, pelos órgãos competentes da Língua Inglesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Com base nos apontamentos teóricos dessa pesquisa, podemos concluir que a língua inglesa, é a língua detentora de maior prestígio utilizada em todo mundo. Fator esse que pode ser entendido por ser compreendida como a língua dos negócios, da política, das relações sociais e comerciais que se expandem ao redor do mundo. Desta forma, se nota a crescente busca pelo conhecimento dessa língua por parte de pais e da sociedade que já parecem ter legitimado o ensino da língua inglesa, por acreditarem que o seu aprendizado possa trazer benefícios ao futuro de seus filhos. Entretanto, sabemos que esse ensino para crianças das séries iniciais não é contemplado em escolas das redes públicas de ensino. Ele é somente implantado nessas escolas através de projetos desenvolvidos por professores que entendem e compreendem os benefícios desse ensino para as crianças, como no caso das professoras participantes dessa pesquisa.

Entretanto, se faz necessário ressaltar que são muitos os fatores que devem ser analisados em relação ao ensino de inglês para crianças, e muitas são as lacunas que devem ser preenchidas, começando na formação do profissional que irá trabalhar com esse público alvo, pois como nos revelou essa pesquisa, sabemos da falta de preparo dos professores, cuja graduação não lhes oferece disciplinas ao ensino de inglês para crianças, fazendo com que, desta forma, ele não seja totalmente apto para atuar nesse cenário. O professor de língua inglesa que atua com crianças tem que ser criativo, entusiasmado e deve cativar as crianças com quem trabalha, para poder realizar um trabalho em conjunto com elas. Porém, sabemos também que só disciplinas que abordem esse tipo de ensino não é suficiente para colocar em prática o que foi apreendido. É preciso ir além, o professor tem que ser capaz de pensar e repensar, refletir sobre sua prática pedagógica e ser capaz de encontrar os erros e tentar corrigi-los, e principalmente, estar sempre buscando mais conhecimentos, teorias, para se atingir o que realmente é necessário para o ensino dessa língua: a proficiência da mesma.

Sendo assim, concordamos com os autores que aqui foram citados, quando questionam e afirmam sobre a deficiência e a falta de preparo dos professores de língua inglesa para crianças. Para eles, o correto seria que esses professores, tivessem graduação no curso de Letras. Porém, na maioria das vezes, os docentes possuem graduação em Pedagogia, mas ambos os cursos possuem lacunas que devem ser preenchidas, pois a graduação que lhes são dadas, não oferecem disciplinas que estejam voltadas ao ensino de língua inglesa para crianças. Portanto, não se encontram totalmente preparados para lidar com o ensino da língua para esse público.

As professoras investigadas nessa pesquisa revelaram se basear no lúdico para incrementar suas aulas de inglês, por meio de jogos, brincadeiras, quebra-cabeças. Informaram que, desta forma, as crianças aprendem brincando, cantando, participando e que para esse aprendizado se utilizavam de ferramentas pedagógicas inovadoras como DVDs, CDs, filmes infantis. Queremos aqui dizer que concordamos e admiramos a iniciativa das professoras de ensinar e proporcionar o contato com a língua inglesa desde cedo, mas também queremos informar que elas não se preocuparam em fazer uma capacitação para realizar tal atividade que exige muito conhecimento e prática, pois os educandos são crianças em fase inicial de sua vida escolar, e se essa prática não for bem realizada, poderá causar traumas e frustrações irreversíveis. Pensamos que seja de responsabilidade do professor fazer com que a criança, se mostre interessada no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Então, é

papel fundamental deste, identificar, trabalhar e respeitar todas as diferenças específicas que cada faixa etária exige, cada qual no seu tempo e hora certa.

Queremos informar que as práticas das professoras aqui pesquisadas em alguns momentos se baseiam nas teorias apresentadas, por exemplo, quando nos revelam que concordam que o ensino da língua inglesa deve acontecer desde cedo, quando percebem a importância que essa língua exerce no mundo globalizado e por esse motivo introduzem esse ensino em suas aulas, que as crianças aprendem mais rápido, pois não são inibidas, dentre outros. Porém, em outros momentos, elas também revelam exercer suas práticas baseadas em crenças e percepções equivocadas, como por exemplo, o ensino apenas do vocabulário descontextualizado e a utilização apenas do lúdico em suas aulas. Assim, podemos dizer que a respeito das práticas das professoras, em sua maioria, baseiam-se em ações que os teóricos aqui abordados, acreditam ser a maneira mais eficiente de oferecer esse ensino da língua inglesa para as crianças.

Entretanto, não podemos ficar atrelados somente à prática desse profissional, pois existem outros fatores para que esse ensino possa realmente acontecer. O primeiro passo seria conseguir a conscientização, não somente de pais, alunos, professores, mas de toda a comunidade acadêmica e escolar sobre a importância e a influência que essa língua apresenta no mundo globalizado e da necessidade desse ensino estar inserido na grade curricular das escolas das redes públicas de ensino, acabando, desta forma, com o tradicionalismo que existe nos currículos que compõem o cenário educacional atualmente.

Podemos afirmar que esta pesquisa pode proporcionar a mim, futura professora de língua Inglesa, momentos de reflexão e entender o grande papel que o professor tem durante esse processo de ensino-aprendizagem. Pude refletir sobre a minha graduação, na qual concluo este ano, a importância e a necessidade de que seja inserido nos currículos das instituições de ensino, disciplinas que abordem o ensino do inglês para crianças, pois durante minha graduação, não tive conhecimento teórico e nem prático sobre esse assunto. Todavia, foi somente com a realização desta pesquisa que adquiri conhecimentos teóricos para sanar a ausência desse conhecimento e que pude descobrir o quão mágico e surpreendente é o universo infantil, e a necessidade de que essa prática de ensino seja muito bem elaborada e executada. Assim, afirmamos que para ser um professor de inglês, não basta apenas possuir formação, não é somente ser apto a dar aulas, não é apenas ser inovador, ser docente da Língua Inglesa é muito mais, é ter consciência de refletir sobre sua prática, eliminar os pontos negativos, e estar sempre buscando capacitações continuadas para o melhor aperfeiçoamento

da proficiência da Língua Inglesa, pois professor formado, não é produto acabado (FREITAS, 1996).

Sendo assim, dizemos que esta pesquisa tentou investigar o ensino de LI para crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Essas investigações certamente poderão contribuir, a respeito dos procedimentos, abordagens, métodos e estratégias de ensino das quais os professores de língua inglesa para crianças poderão utilizar, ampliando, assim, o conhecimento e o interesse nessa área de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, L. O. **Processo de reflexão sobre avaliação em língua estrangeira (inglês) por professores recém-formados**. 2004.206 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

CHAGURI, J. P. A importância do Ensino da língua Inglesa nas Séries iniciais do Ensino fundamental. In: **O Desafio das Letras**, 2, 2005, Rolândia: FACCAR, 2005.

FIGUEIRA, C.D.S. O Envolvimento de crianças na aula de língua estrangeira. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 93-123.

FREITAS, C.C. Artista e a formação lúdica do professor de Língua Inglesa. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 203-219.

LIMA, A. P. **Ensino de língua estrangeira para crianças: o papel do professor**. Cadernos de Pedagogia, v. 2, n. 3, p. 293-305, 2008.

LIMA, A.P., MARGONARI, D.M. A prática de ensino e a formação de professores de inglês para crianças. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 187-202.

\_\_\_\_\_. **Materiais didáticos para o ensino de Língua Estrangeira – inglês para crianças**. Praxis Educacional, v.8, n. 12, p. 129-139, 2012.

MOURA, S.A. Educação Bilíngue e currículo: de uma coleção de conteúdos a uma integração de conhecimentos. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 269-296.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Como se aprende uma língua estrangeira?** Belo Horizonte: Universidade federal de Minas Gerais (UFMG/CNPq), p. 1-13.

RODRIGUES, L. C. **Possibilidades da Abordagem Etnográfica**. In: Abordagem Etnográfica: Possibilidades e desafios na pesquisa do mercado. 2008. p. 21.

SANTOS, L.I.S. Presença de LE na sociedade e em contexto de ensino regular público. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 149-184.

SANTOS, R.C, **Inglês que a criança aprende brincando**. Jornal da Unicamp, Campinas, p.11, jun.2006.

SCAFFARO, A.P. O uso da atividade de contar histórias como recurso na retenção de vocabulário novo na língua inglesa com crianças na fase pré-escolar. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 61-92.

SCHEIFER. C.L. Crenças e (inter) ações no ensino de língua estrangeira para crianças: o percurso reflexivo de uma professora-pesquisadora. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 221-268.

SECCATO, M.G. A importância do uso pleno da língua inglesa durante o processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 125-147

SILVA. V.R. Os desafios do professor da educação bilíngue infantil: necessidade de uma formação continuada. In: ROCHA, C.H. (orgs.). **Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente**. Campinas: Pontes, 2010. p. 297-323.

TONELLI, J.R.A. & CRISTOVÃO, V.L.L. **O papel dos cursos de Letras na formação de professores de inglês para crianças**. Calidoscópio, v. 8, n.1, p. 65-76, 2010.

## **ANEXO**

## ANEXO A – ENTREVISTA-QUESTIONÁRIO

Nome:

1. Qual é a sua formação universitária? Onde você se formou e em que ano?
2. Por que optou por ensinar inglês para crianças?
3. Há quanto tempo ministra aulas de Língua Inglesa para crianças? Quais as séries?
4. Qual foi o(s) motivo(s) que a levaram a inserir a Língua inglesa em suas aulas para as crianças?
5. Há um horário específico na grade da escola para as aulas de inglês ou não. Explique.
6. Qual a metodologia do qual se utilizava em suas aulas? De onde advém essa abordagem/metodologia? Explique.
7. Quais eram os materiais didáticos utilizados nessas aulas? Se não se utilizava de materiais didáticos que tipo de material usava?
8. Qual é o papel do livro didático?

9. Em relação à utilização de materiais lúdicos nas aulas de Língua Inglesa, você usava? Quais materiais? Os alunos gostavam? Como agiam? Dê exemplos.

10. Em sua opinião, qual é a melhor idade para se ensinar uma Língua Estrangeira (Inglês) para crianças e por quê?

11. Como eram as aulas de língua inglesa para as crianças? Descreva-as.

12. Quais eram as atividades mais frequentes realizadas em sala de aula nas aulas de Língua Inglesa? Por que eram mais frequentes?

13. Qual o horário em que aconteciam as aulas? Quantas vezes por semana? Você acha que é pouco ou não? Por quê?

14. Esse ensino faz parte do currículo da escola ou de algum projeto de ensino?

15. Como foi a sua primeira experiência como professora de Língua Inglesa para crianças?

16. O que uma aula precisa ter para se tornar interessante para as crianças?

17. As crianças gostavam das aulas? Prestavam atenção e participavam? De que modo?

18. Como elas mostravam que estavam aprendendo inglês e qual era a sua avaliação desse aspecto?

19. Qual era o comportamento das crianças durante as aulas de Língua Inglesa? Explique.
20. Com quais objetivos essas aulas eram elaboradas?
21. Para você como uma criança ou um adulto aprende uma Língua Estrangeira? Explique.
22. É possível aprender a Língua Inglesa no ensino público brasileiro? Justifique sua resposta.
23. Como os conhecimentos devem ser construídos as crianças?
24. Por que ensinar inglês para crianças no Brasil? Justifique sua resposta.